JORNALISMO

VIVIANE DA ROCHA PRADO

LIVRO-REPORTAGEM

CE-MUSIC: UM OUTRO OLHAR SOB A CENA

FORTALEZA
2007

VIVIANE DA ROCHA PRADO

LIVRO-REPORTAGEM

CE-MUSIC: UM OUTRO OLHAR SOB A CENA

FORTALEZA
2007

VIVIANE DA ROCHA PRADO

LIVRO-REPORTAGEM

CE-MUSIC: UM OUTRO OLHAR SOB A CENA

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Integrada do Ceará como requisito para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Professor Ms. Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues.

FORTALEZA

2007

TERMO DE APROVAÇÃO

LIVRO-REPORTAGEM

CE-MUSIC: UM OUTRO OLHAR SOB A CENA

Por

VIVIANE DA ROCHA PRADO

Este Projeto Experimental foi apresentado no dia 10 de dezembro de 2007, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, tendo sido aprovado pela Banca Examinadora, composta pelos professores:

Banca Examinadora

____

Prof° Ms. Demétrio de Andrade Bezerra Farias

____

Prof° Ms Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues

____

Prof° Ms. Lauriberto Carneiro Braga

FICHA TÉCNICA

Autor
Viviane da Rocha Prado

Orientador
Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues

Projeto Gráfico
Viviane da Rocha Prado

Fotos
Neto Pessoa, Sueli, João Luís (Nu-Act), arquivo de entrevistados e jornal Diário do Nordeste.

Capa e Diagramação
Viviane da Rocha Prado

Tipologia
Texto: fonte Times New Roman
Tamanho 12
Títulos, legendas e detalhes:
Fonte Times New Roman
Tamanhos 10 e 14

Ce-music: um outro olhar sob a cena
É um projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Integrada do Ceará como requisito para obtenção do grau de bacharel.

Aos amantes da música eletrônica.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por me dar a vida e permitir que eu conseguisse concluir o presente livro, projeto de conclusão do curso de Jornalismo, que acredito ter conseguido enriquecer com mais calma, para deixar como acervo histórico da música eletrônica cearense, ainda, infelizmente, escasso.

Aos meus **queridos pais** pelo apoio e força.

Ao meu lindo **Flávio**, por toda dedicação, companheirismo, carinho e atenção. Um amor sem igual.

Aos DJs **Fil e Lobbão** (Undergroove) pelas horas de entrevistas e pela total atenção.

Ao **Fran Viana** por me receber tão bem nas várias vezes que precisei. Pela linda atenção que me dedicou, mesmo sem me conhecer.

Ao **Diogo (Aminad)** por me ajudar num assunto que não tinha familiaridade – produção.

Aos DJs **Diego Grecchi e Chris DB** pela paciência e linda ajuda. Sou muito grata aos dois.

Aos DJs Mantrix (Angel) e Neuromancer (Hermano) pelas dúvidas tiradas.

A todas as pessoas que de alguma forma me incentivaram e me ajudaram a realizar este trabalho.

A Neto Pessoa, Sueli, João Luís (Nu-Act), Chris DB e Diário do Nordeste pela fotos cedidas.

Ao meu querido orientador Laécio Ricardo por acreditar que eu seria capaz de concretizar meu sonho.

Ao professor Demétrio Andrade por também acreditar no meu trabalho e me incentivar a fazê-lo.

Ao professor Lauriberto Braga por aceitar o convite de participar da banca julgadora.

À **música eletrônica**, pois eu tinha certeza que um dia ela me traria bons frutos, mesmo que a maioria das pessoas à minha volta me contrariasse.

Ao **Jornalismo**. Um sonho que se concretiza; uma verdadeira paixão. Amo muito tudo isso!

Ao futuro.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Ao mesmo tempo em que a música eletrônica se expande cada vez mais, sai da sua esfera original para atingir outros públicos e ganha uma maior visibilidade, há quem nunca tenha ido a uma festa rave, não saiba seu significado, nem conheça a história, a diferença entre os estilos, tanto de vestir, como musical, nem saiba como é a vida de quem trabalha e respira esse "outro mundo". Há quem esteja ali, não só por diversão, mas por paixão, por vontade de mostrar a todos o que se pode fazer em termos de técnica e variedade musical. Pessoas que fazem o que gostam e dão o seu melhor para que os outros usufruam e sintam-se à vontade, num ambiente aconchegante e livre para a descontração.

As festas "rave" são conhecidas pelas longas horas de duração e pelo som, conhecido, pejorativamente, por "bate-estaca", pois são músicas instrumentais com batidas repetitivas que apresentam pouco ou nenhum vocal; além de serem realizadas em locais afastados da cidade (historicamente, devido ao uso de drogas e ao volume alto do som), como sítios, praias, florestas. Mas nem sempre foi assim. Antigamente, as festas eram realizadas em clubes da cidade (Fortaleza), organizadas por uma minoria que já se diferenciava pelo gosto musical, uma cena chamada de "underground".

Ao longo do tempo, as raves ganharam o estereótipo, reforçado pela mídia, de "festas das drogas", ou "festa do delírio", devido a vários casos de pessoas que tiveram overdose por substâncias psicotrópicas e outras ilícitas; assim como grandes apreensões destas pela polícia nas festas. Essa ainda hoje é a realidade das raves: jovens cada vez mais com menos idade, utilizando drogas e divulgando assim uma idéia deturpada da ideologia das festas, não só do Ceará, mas de todo o Brasil. Os noticiários, geralmente contribuem na divulgação desse lado negativo, que infelizmente, se sobrepõe à cultura que há no cenário da música eletrônica. E é o que faz com que a grande maioria da população tenha estabelecido um preconceito em relação às festas e negativize todo o seu conteúdo. Mas há alguma riqueza "nesse mundo?" (irão perguntar algumas pessoas). Essa é uma das propostas deste livro, além de fazer a reconstituição da história da cena cearense de música eletrônica, a partir das versões de quem viveu e ainda vive essa realidade de perto.

Apesar de hoje já se ter uma maior abertura nas TVs e jornais impressos cearenses, o grande problema das festas não serem mais divulgadas positivamente são as próprias pessoas que se utilizam das raves para promover desordem e propagar o consumo de drogas, principalmente o ecstasy, conhecido como "droga do amor" e o LSD (ácido). E mais ainda, o preconceito de quem não conhece o universo da música eletrônica, mas concorde com o estereótipo divulgado e não vá atrás de saber se o que "dizem" é realmente verdadeiro na totalidade. A solução para que não ocorram julgamentos prévios sobre algo que não se tem intimidade (no sentido de proximidade), é antes de acreditar em alguma publicação como única versão, pesquisar mais sobre o assunto, para saber se ele merece minha atenção e uma posterior abertura de opinião. O que não se pode é acreditar numa verdade parcial dos fatos.

Tudo o que foi dito pode até parecer um discurso platônico, romântico, sem eficácia, para muitos. Mas, na verdade, é a tentativa e a vontade de mostrar, não só aos cearenses, mas a todos, um outro olhar sob um mundo que a sociedade pensa conhecer, mas que ainda é desconhecido e desvalorizado pela maioria. Um olhar de quem vê não pelos olhos preconceituosos de estereótipos criados ou adquiridos, mas pelo olhar de quem vive, sente e ama a música eletrônica e toda a magia existente nesse mundo alternativo. O ambiente, a filosofia, a ambientação, e principalmente, a música. O ser por si e não pelos outros.

"Quanto mais raro, mais prazeroso."
Fran Viana

I. Primórdios da cena

Meados da década de 1970. Fortaleza vivia a era da *disco music* com muita intensidade. As boates *People* **(1976)**, na Beira-Mar e *Tatarana* **(1977)**, na Volta da Jurema, eram os pontos de encontro e "ferviam" ao som dos hits cantados pelas divas da época, como Donna Summer e Grace Jones. Música no rádio, somente na AM. Um dos programas de maior sucesso era o "Show do Grilo", comandado pelo radialista Will Nogueira. O som era variado: desde coletâneas do carioca Big Boy, personagem tradicional dos anos 1970, até o rock de Rolling Stones. Mas o período em Fortaleza era difícil em termos de atualidade musical. "Se no Brasil as novidades demoravam a chegar, imagine na capital cearense, que ainda era uma província e tudo vinha de carroça", conta o 'ex-DJ' e atual agente de viagens, Fran Viana, que revela a história dos primórdios da cena que, anos mais tarde, iria se estabelecer de vez na cidade do forró.

Com 48 anos, o fortalezense de gosto amplo, pois não gosta do termo eclético, é considerado o primeiro discotecário de um som que se denomina "música para dançar" e se aproxima do que seria música eletrônica. Amante da música e colecionador de discos, aos 12 anos de idade já direcionava todo o dinheiro da sua mesada para a compra de LPs. MPB, *rock, funk*, música clássica e um pouco de *jazz* tradicional, eram os gêneros que mais gostava. E como era o único dos amigos que se atrevia a comprar discos, era imediatamente recrutado para animar as festinhas da turma. As reuniões funcionavam como balão de ensaio para o futuro DJ.

Nos anos 1980, Fran Viana é convidado pelo amigo e estilista Lino VillaVentura para desenvolver as trilhas sonoras de seus desfiles. Em **1986**, a amizade e o trabalho lhe rendem grandes frutos e é a porta de entrada para sua primeira residência fixa como discotecário na *Periferia*, um *club* que acabara de inaugurar na cidade. "A casa no início não era tão direcionada, ela queria atingir um público diversificado e acabou conseguindo, apesar de ter um viés um pouco gay", conta. Foi lá, em **meados de 1987**, que Fran soube da existência de outras pessoas, como Zozó Amaral, Cristina Albuquerque e Jackson Araújo que, assim como ele, gostavam de um som puxado mais para o percussivo e do gótico das bandas inglesas que estavam no auge. Na *Periferia*, Fran tocava esses gêneros já misturados com muita Madonna, Prince e tudo o que reportava à sua história. "Ser DJ é muito isso: seu gosto musical. E aquilo funcionava na pista".

1.1 Primeiras batidas eletrônicas

No início do ano de 1988, começaram os primeiros sons da *house music*, que na época, era novidade total. "Ninguém nem conhecia (o estilo) por essa denominação", conta Viana. *Pump Up The Volume* (do Projeto M.a.r.r.s), The *Only Way is Up* (Yazz)*, Stop This Crazy Thing,* conhecida como *"Melô do Tarzan" (*ColdCut*)* são alguns dos hits da época. Para poder tocar as novidades em Fortaleza, Fran Viana encomendava fitas K7 de uns amigos que dicotecavam no *Nation*, club influente em São Paulo. "Eu cheguei a tocar fitas na *Periferia*, porque disco era muito caro. Fazia um estilo bem parecido com o que Renato Lopes[1] e Mauro Borges[2]

---

[1] Renato Lopes começou sua carreira como DJ, oficialmente, em 1986, na lendária casa paulistana *Madame Satã*. Na época, tocava pós-punk e arriscava um gênero até então pouco difundido: *house music*. Em 1987, já entregue à residência do *Nation Disco Club*, iniciava o lento processo de adaptação da cultura das pistas no país. – Fonte: Rraul (principal site de música eletrônica do Brasil) - http://www.rraurl.com [setembro de 2007]

faziam lá (*Nation*). Misturava umas coisas até trash, com outras mais modernas". E assim foi, a casa ficou no auge por, pelo menos, dois anos. *A Periferia* foi tão marcante que até hoje as pessoas têm Fran Viana como referência da casa.

O som que tocava eram umas misturas. "Alguns DJs de hoje fazem algo parecido, como o Guga de Castro[3]. Se eu gostava de uma música do Titãs, colocava lá no meio da noite. Hoje em dia isso é impensável. Não faria isso, porque tá tudo muito massificado". Mas Fran conta que na época não era assim e que nunca prezou muito pela técnica, não era um mixador. "A minha marca era o meu gosto. Então eu lascava uma Wanderléa[4] no meio das coisas. Fazia o maior sucesso. Já pensou isso hoje? Não rola! Hoje, você tem que seguir aquela batida pá-pá-pá. Quebrou aquilo, a pista acaba".

Fran Viana conheceu Zozó Amaral (que atualmente é agente de uma companhia telefônica na Holanda) na *Periferia* e iniciaram uma amizade. Os dois trabalharam um tempo juntos na *On The Rocks*, uma boate bem underground, "na verdade a palavra mesmo é sórdida". A casa era antiga e linda, conta Fran, localizada na Praça da Lagoinha. Mas lá dentro era tudo muito improvisado, "um inferninho gay", resume. "Para se ter uma idéia, a cabine onde a gente tocava é como se fosse um banheiro adaptado. E a pista era um quarto grande sem iluminação nenhuma. Só depois colocaram umas *estrobes*[5]. Mas tinha um charme!" As festas eram à carater e a rua ficava tomada.

> Zozó Amaral tinha 20 anos e não perdia as noites fervidas do clube Periferia. Paredes negras, pista de dança cercada como um ringue, arquibancadas de cimento nas laterais, banheiros limpos, atendimento ágil e pessoas exóticas. Foi no Periferia onde os primeiros passos da música eletrônica surgiram no Ceará no final dos anos 80. Comandado pelo DJ Fran Vianna, o clube tinha um público variado, que ia de héteros comportados a drag queens afetadíssimas. Nessa época, Zozó discotecava pros amigos. E discotecava bem, tanto que foi chamado pra prestar residência na boate que surgiu quando o Periferia acabou. Na On The Rocks, Zozó tocou de setembro/92 a outubro/93. Então se mandou pra São Paulo, onde fixou residência n'A Lôca, além de tocar como convidado em outros trocentos lugares arrasa-quarteirões.[6]

Era o início da popularização da ME[7], "quase que radiofonicamente falando". Pois foi o começo de Prodigy e Chemical Brothers, que na época nem usavam esse nome ainda, eram os Dust Brothers. "E nós começamos a tocar isso lá (*On The Rocks*), em 1993". Foi também os primórdios do *trance* na cidade. "Lembro

---

[2] Também fazia parte do casting da *Nation* e juntamente com Renato Lopes ajudou a fundar a banda de *techno-pop Que Fim Levou Robin*?, em 1989, no Rio de Janeiro.

[3] Radialista e um dos únicos brasileiros já selecionados para o *RedBull Music Academy*, evento internacional que reúne expoentes da música contemporânea mundial, como DJs, produtores e profissionais do meio. (ARAÚJO JR, Jackson, 2007). É residente da *Farra na Casa Alheia* há 7 anos, no *Amici´s Spot Bar*, na Praia de Iracema.

[4] Roberto Carlos, Wanderléa, Erasmo Carlos, Sérgio Reis faziam parta da Jovem Guarda, também conhecida como iê-iê-iê – voltada para um público ainda mais jovem e menos refinado. Este movimento traduziu, singelamente, em termos brasileiros, a explosão musical de The Beatles, The Rolling Stones e outros monstros sagrados dos anos 1960. Se para o grupo da MPB a guitarra elétrica, por exemplo, era um instrumento imperialista, para os cabeludos da Jovem Guarda era a possibilidade de reproduzir no Brasil os sons que eles amavam - http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/2004/10/15/000.htm [10 de outubro de 2007]

[5] Em português, estrobo(s). Luz estroboscópica para animação de festas, arranjos visuais, sinalizadores. - http://www1.fatecsp.br/eletro/material/mecprec/estrobo.pdf [10 de outubro de 2007]

[6] Entrevista realizada, em 2004, para a monografia de ARAÚJO JR, Jackson. DJ, Dono da Juventude - Sagrado e Profano na Festa do Olimpo Moderno, 2007, pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

[7] ME é a abreviação de música eletrônica, que também pode ser chamada de e-music (do inglês *eletronic music*)

muito do Plastic Dream. A gente fazias as maiores misturebas com outras coisas. Mas nunca fui o residente da *On The Rocks*. O Zozó era mais".

O primeiro DJ em Fortaleza a se preocupar com a técnica foi **Silvio de Paula**. Mesmo na época da *disco music*, ele não só colocava as músicas para tocar, já as mixava; além de ter sido pioneiro na divulgação do DJ no rádio, ele é considerado o primeiro da *dance music*, estilo que toca até hoje.

Na época da *Periferia* (1986), droga se resumia a maconha, álcool e cocaína. Ácido (LSD) e ecstasy demoraram muito a chegar em Fortaleza. "Quando chegou, foi em meados dos anos 1990. Tinha muito nas festinhas fervidas da barraca *Biruta*, que era um tipo de gente que estava enjoada da cena da cidade. Nada contra! Mas a música ficou mais chata, muito bate-estaca".

Depois começou a 'onda da PF'.[8] A primeira grande festa eletrônica, segundo Fran Viana, foi um réveillon improvisado na barraca *La Luna* (que anos mais tarde passou por uma reforma e mudou o nome para *Opção Futuro,* hoje extinta). "Sem opção de algo diferente no fim do ano, acabamos fazendo a festa lá (*La Luna*) e deu certo. O estilo de festa acabou acontecendo regularmente, pelo menos uma vez por mês". Tiveram outras festas à 'moda-praia', open-air, como na barraca *Biruta,* já no **início dos anos 1990**.

Fran discotecou até 1997 e hoje é agente de viagens em uma empresa na capital. Mas sempre que pode toca como hobby para animar as festas do trabalho ou em alguma casa à convite de amigos DJs. "Gostava muito de *deep house* [9] dos anos 1990 e também do que chamam de *garage/house*[10], uma *house* mais novaiorquina, com muita diva cantando, mas não essa chatice que toca hoje em dia em boate gay". Fran tentou muito tocar os estilos aqui em Fortaleza, "mas nunca rolou", lamenta.

Antes as casas eram muito voltadas ao público GLS. Havia muito preconceito. "Mas até hoje tem", diz Fran. "A música de club tem origem gay. Mas é no club onde a música começa a ferver. É o laboratório, o termomêtro da música no mundo inteiro". Hoje em dia, nem tanto. "A música de club gay já virou uma coisa chata, o que chamam de 'bate-cabelo', um *house* mais tribal, com divas falando. Mas tem muita coisa boa como Scissor Sisters[11], que fazem um som mais pra cima, que agrada a todos".

1.2 Continuação da cena – 2ª geração

Fran Viana, Zozó Amaral e Silvio de Paula podem ser considerados como os DJs pioneiros da cena do Ceará – a 1ª geração. Os acontecimentos a seguir serão contados a partir dos depoimentos de três DJs da 2ª geração, que são Guga de Castro, Fil e Rodrigo Lobbão.[12]

Em 1995, os produtores Davi e Leco começaram a organizar umas festas no antigo *Galpão,* que ficava na Praia de Iracema onde, inicialmente, o DJ Guga de Castro discotecava e depois contou com ajuda da DJ Priscilla Dieb. **Já em 1996**, houve uma festa no *Pirata*, realizada pelo dono que se interessava por *house*. O evento foi a porta de entrada para que "um pessoal mais antenado da Holanda" abrisse o famoso *Disco Voador*,

---

8 Abreviação de Praia do Futuro.
9 *Deep house* é um gênero da *house music.*
10 *Garage* é outro estilo que nasceu do *house*. A diferença é que o som lembra mais o *rhythm & blues* e o *disco*. O nome nasceu no clube *Paradise Garage*, em Nova York.
11 Scissor Sisters é uma banda dos Estados Unidos formada em 2001, cujo título é um codinome referente ao lesbianismo ("irmãs tesouras").
12 Mas além deles também fazem parte Sickboy, Arlequim, Chris DB, Mantrix, Priscilla Dieb, entre outros.

em 1997, quando voltou a ter alguma coisa ligada à ME na cidade. As festas aconteciam nas férias, ou de julho ou de janeiro, que era o período em que os holandeses vinham a Fortaleza e queriam ouvir um som mais eletrônico, ainda raro na cidade. O club foi aberto para ser de ME, tocando *house* e *techno*. Foi um marco na história da cena da capital, pois era tudo muito inédito: o estilo de noite, os gêneros musicais, a postura da casa. Tudo remetia ao moderno. Mas a casa não deu certo, pois era tudo muito avançado para a época, ao público e também porque os sócios eram um casal GLS e eles não queriam trabalhar para esse público. E acabou não acontecendo, pois "os gays acharam que o club era hétero e os héteros acharam que era gay", conta DJ Fil.

Após o período do *Disco Voador*, a DJ Priscilla Dieb, que veio de Recife com uma bagagem de ME muito ligada à diversidade[13], juntou-se aos DJs Guga de Castro e Fil e os três começaram a fazer umas festinhas no estúdio *Peixe Frito*. Lá, cada um tocava um pouco do que gostava e do que tinha maior afinidade. Mas ainda não se tinham estilos definidos. A mistura prevalecia.

Somente em 1999, por conta de toda a movimentação que estava acontecendo na capital (investimento na cena de ME), surgiu o *Cidadão do Mundo*, um espaço cultural, localizado na Avenida da Universidade, que no início era mais voltado ao rock, com bandas cover e autorais. Mas, após a realização de uma festa dividida em duas pistas, onde uma era dedicada ao som de Chico Science, feito pela DJ Priscilla Dieb do *Forma Noise*[14]; e na outra, um som voltado mais à ME, é que o dono da casa gostou da idéia e resolveu seguir em frente com esse modelo de noite. Os DJs Fil e Mantrix (Angel)[15] receberam convite para fazer uma residência quinzenal, que se chamaria *Cidadão Instigado* (*Techno*) e *Cidadão em Transe* (*Trance*), juntamente com Guga de Castro, que, na mesma época, tinha o projeto *Sexta Básica*, com um som mais híbrido. Então, de 15 em 15 dias tinha uma festa mais voltada a um som com intenção de tocar ME e nas outras quinzenas um som mais voltado ao *Big Beat*[16]. Segundo Guga de Castro, o *Cidadão do Mundo* não parecia em nada com uma casa noturna. Na verdade, era uma casa que tinha uma árvore no meio do quintal, onde cabiam cerca de 150 pessoas. "Não tinha aspecto de boate", conta. Foi exatamente nessa época que se notou uma divisão clara do início de uma segmentação de estilos (o que chamo de quadrado eletrônico: *house, techno, drum and bass* e *trance*). "O Fil migrou para uma linha mais eletrônica mesmo, com o *techno* e eu acabei ficando com o *Big Beat*; *Trance* quase não existia. Só mesmo o Mantrix se aventurava no estilo".

A partir do *Cidadão do Mundo* a cena cearense começa a se configurar e dá os primeiros passos para o que estaria por vir. É nesse período (1999, virada para 2000) que os brasilienses Rodrigo Lobbão, Hudson - DJ Sickboy (estes irmãos), o cearense Fil e os DJs e já amigos Chris DB e Arnold B (DJs de *dnb*) se conhecem. A partir daí, Chris e Arnold têm a idéia de fazer uma festa para essa galera que curtia o som, mas que não tinham espaço e surgiu a *Festa na Casa do Arnoldo*. Na 1ª edição, tocaram Rodrigo Lobbão, Mantrix e Sickboy. Já na 2ª edição chamaram também Fil e o recém-chegado de Brasília, Arlequim (Bruno). Foi esse grupo que pensou em fundar um núcleo de música eletrônica com um conceito de cena underground. Mas devido a conflito de idéias, Chris e Arnold saem do projeto e somente **em 2000**, com o *Quinta Elétrica* do *Órbita*[17], é

---

[13] Priscilla Dieb é ex-namorada do cantor pernambucano Chico Science e trouxe muitas gravações em estúdio do cantor.
[14] Primeiro live cearense (produção) que virou selo e atingiu o Smartbiz.
[15] Único DJ que já apresentava um som mais diferenciado com o *trance*.
[16] Prodigy e Chemical Brothers os principais exemplos do estilo de música eletrônica *Big Beat*, que une as batidas aceleradas do *hip hop* com as do *funk*.
[17] A *Órbita* abriu com a intenção de ser um club essencialmente de ME, ao estilo londrino. Mas a casa era muito "avançada" para os padrões na cena local e da cabeça do público. Todos pensavam que se tratava de um club

que os quatro[18] se unem em definitivo e formam o primeiro núcleo de ME do Ceará e posterior agência de DJs. O nome foi escolhido pelo DJ Arlequim, que fazia parte de um coletivo em Brasília, e aprovado por unanimidade. Como os 'meninos' queriam seguir uma linha mais segmentada e focada na ME, criaram então o núcleo *Undergroove*, com o objetivo de mudar a cena da cidade e apresentar um novo conceito de música eletrônica.

E por quase sete anos foi o que aconteceu. [19] Grandes eventos voltados mais ao *techno,* com o surgimento de festas históricas (estrutura jamais vista), como as *Vucco, Megavucco* e *Pedreira* (para se chegar ao local, as pessoas tinham que descer 10 mil metros abaixo do solo); além das *privates*[20] (privês) que aconteciam com freqüência e o surgimento das produtoras *Electrofusion, Technofor, ElectricLife, Feeling, TechnoVibes, Underground, E-Motion, The Sound, ZonaVibe* e outras que ajudaram na evolução da cena cearense em termos de estrutura e na abertura do Ceará como rota dos grandes nomes do cenário mundial.

Da 2ª geração para a nova (meados dos anos 2000) existem vários DJs importantes para a cena, como Germano, Diego Grecchi, Aminad, Tici Rocha, e outros, que agitavam as 'grandes' privês, principalmente de *techno*, pois movimentavam os finais de semana da capital. Eram festas divulgadas pela internet e era o que se tinha para se divertir nos intervalos das grandes raves (enquanto não aconteciam).

SEM NEXO!!!!!!

Mas afinal, quais são as particularidades desse som difundido mundo a fora? O que é de fato música eletrônica?

1.3 Que som é esse?

Muito se fala em *techno, trance, house, electro, drum and bass, minimal*. Mas, será que há diferença nesses gêneros da música eletrônica? Algumas pessoas acreditam que não, que é tudo instrumental e quase a mesma coisa! Então o que distingue cada um desses estilos e suas vertentes na ME? Para esclarecer, saiba a definição de cada um dos principais sons que invadem as noites da capital e, muitas vezes, não são diferenciados. A proposta não é fazer um manual teórico e técnico de cada estilo, o que tornaria a leitura monótona, mas construir um painel de referências e incentivar o público na descoberta de outros sons.

Antes de tudo, o melhor a se fazer para tentar definir cada som é ouvir muito e pesquisar. O que ajuda são as informações técnicas de cada um para sua compreensão. No entanto, não há comparação melhor do que ouvir faixas ou um *set*[21] de cada vertente para entender melhor as diferenças.

Dentro de cada estilo há variantes *deep, hard, acid, tech* e inúmeras outras nomenclaturas que se aproximam da definição do que seria cada um. É o que faz um som ser mais viajante, pesado, melódico, enfim. E aí surge uma lista que poderia se estender mais ainda se fôssemos considerar todas as dezenas de estilos e subdivisões da música eletrônica.

---

gay. E acabou não dando certo, assim como o *Disco Voador*. Mas a Órbita é a única casa que desde a abertura (2000) permanece com uma noite fixa destinada à ME. Rodrigo Lobbão é o residente e toca do *minimal* ao *techno*.

[18] Fil, Lobbão, Hudson (Sickboy) e Bruno (Arlequim).

[19] A formação do núcleo passou por várias modificações. Fizeram parte os DJs Arnold B (hoje em Londres), Chris DB (Mucuripe), entre outros. Mas foi com os quatro que o núcleo se estabeleceu e está na ativa até os dias atuais.

[20] Festa pequena somente para convidados.

[21] Lista de músicas que o DJ toca; também pode ser chamada de *chart*.

1.3.1 'O quadrado eletrônico'[22]

Drum and Bass (DnB)

Antes chamado de *Jungle* é o mais acelerado dos estilos, com média de 175 a 180 BPM (batidas por minuto). Influenciado pelo *hip hop* e até mesmo pelo *reggae* e *jazz*, o *Drum'n Bass* mistura milhares de sons com uma linha de baixo poderoso e batida forte, gerando uma espécie de cacofonia. O som é bem dançante! Um ótimo exemplo que levanta a bandeira do *DnB* é o renomado DJ Marky e, a nível local, o DJ Chris DB.

Trance

A grande diferença do *Trance* para os outros estilos é a utilização de linhas repetitivas tecladas, sejam calmas (mais progressivo) ou até agressivas (full on). Sugere certo clima de transe. Inspirado pelo *acid house* e pelo t*echno* de Detroit, surgiu com selos como R*&S Records*, na Bélgica, e a *harthouse/Eye Q*, na Alemanha. Do Trance surgem subdivisões como o *Goa*, ou *Psytrance*, mais psicodélicos, que se desenvolveram na Índia, incorporando instrumentos do país. Alguns estudiosos no assunto dizem que o som transporta qualquer um para qualquer outro lugar. É o espiritualismo em forma de música, que visa à elevação do corpo, cabeça e mente para fora da dimensão da qual se encontra. Os produtores GMS, 1200 Micrograms, Skazi, Astrix são alguns representantes internacionais do som. Na cena local, estão os DJs Mantrix, Syrus, Edy MVS, Diego Grecchi, entre outros.

House

Conhecido como o gênero com a maior variação de sub-estilos, já que pode incorporar elementos do *Samba, Jazz* ou *Disco*, a *House Music* surgiu em meados dos anos 80, em Chicago e Nova York. Seu nome veio do clube GLS *Warehouse*, um armazém em Chicago comandado pelo DJ Tony Humphries. Sua velocidade vai de 125 a 135 BPM. Nos exemplos locais estão os DJs Sickboy e Davi Angel.

Techno

Suas batidas não são tão aceleradas quanto o *Drum'n Bass*, porém é mais intenso do que o *house*, indo de 150 a 175 BPM. O *Techno* surgiu em Detroit e costuma abusar dos sintetizadores e dos *samplers*[23]. Apresenta grandes subdivisões como *Hard Techno* (um som mais pesado), *acid techno, funky techno* e outros. É o som que mais teve evidência no estado. O mestre Dave The Drummer e o casal Pet Duo são ótimas referências do estilo, dentre inúmeros outros. Alguns bons exemplos na cena local são os DJs Rodrigo Lobbão, Fil, Leon KB, Aminad, entre outros.

---

[22] Definição de minha autoria para os quatro principais estilos que formam a ME pura e suas variantes – *DnB, house, techno* e *trance*.

[23] Definição no capítulo II – Por Dentro do som.

> *"If God is a DJ, life is a dance floor, love is the rhythm, you are the music".*
>
> *Pink*

II. Por dentro do som

A **Música eletrônica** é criada a partir de instrumentos eletrônicos, como sintetizadores (que gera sons artificialmente), *samplers* (aparelho que copia e cola sons), teclados ou softwares de composição; ou seja, sons que são manipulados eletronicamente. A ME, propriamente dita, não tem instrumentação acústica (bateria, baixo, guitarra). Mas esses instrumentos podem vir a ser misturados em sua composição. Se voltarmos ao passado, bandas de rock já usavam um pouco de teclado, guitarra elétrica, *moog* (sintetizador utilizado na década de 1970), como a banda Black Sabbath e até mesmo no reggae, com Bob Marley. Mesmo a ME tendo os seus estilos definidos, como *house, techno, drum and bass, trance*[24] e outros sub-gêneros, eles não precisam, necessariamente, ser feitos a partir de recursos eletrônicos para ser considerados ME, como se pensava antigamente.

Muitas pessoas defendem que a ME não é um estilo musical, mas uma forma de produção. Só que para a indústria de massa (fonográfica), ela já virou um gênero. Os dois conceitos são válidos, por isso há essa confusão ao se tentar explicar seu significado. Mas, atualmente, ME é muito mais uma possibilidade de tornar sons mais híbridos do que algo mais puro (segmentação de estilos). Na verdade, é complicado falar de um conceito específico e ainda hoje, é um termo considerado impreciso. Mas a definição universal é de que ela está ligada muito fortemente à tecnologia. E como esta última está em constante evolução, a ME acompanha esse processo de transformação e se renova.

"O termo Música Eletrônica não se refere simplesmente a toda música realizada com recursos elétricos e/ou eletrônicos: antes de tudo, define uma estética e uma prática composicional específicas". [25]

> A tentativa de ultrapassar os limites da escala tonal, incorporando a experimentação com sons, timbres inusitados e ruídos e assumindo explicitamente a relação entre música e tecnologia remonta ao início do século XX, através dos nomes de Schoenberg e Webem (atonalismo/dodecafonismo/serialismo) (...) passando por propostas tão distintas como as de Luigi Russolo (no Manifesto Futurista *The Art of Noises* – 1913); Geirge Anthails e Erik Satie (*Ballet Macanique* – 1926; Edgard Varése (*Amériques* – 1929; John Cage (*Imaginary Landsacpe* – 1939) entre outros.
>
> No pós-guerra, ainda no terreno da música erudita, torna-se obrigatória referência a Pierre Schaeffer, Pierre Henry e Stockhausen. Partindo de matéria-prima sonora inusitada – tal como bater de portas, gritos de rua ou sussurros – e percebendo a fita gravada como um objeto concreto, que podia sofrer intervenções a ser manipulado no estúdio, através de cortes, aumento ou diminuição da velocidade, etc. – Schaeffer e Henry dão origem, na França, à chamada *musique concrete*, que tem como marco inaugural a *Simphonie pour um homme seul*, de 1950. (LEMOS, CUNHA, 2003, p. 156)

---

[24] Principais estilos da segmentação da ME. É a partir deles que surgem os sub-gêneros e variantes *deep, acid, tech, hard*, entre outras.

[25] Grupo de Artes Sônicas – (http://www.artnet.com.br/pmotta/museletr.htm#1) [setembro de 2007]

A história da ME tem influência do francês Pierre Schaeffer, engenheiro eletrotécnico, que no final da década de 1940 criou o *musique concrète*, em que a composição era feita a partir de ruídos gerados por toca-discos (sons do ambiente, dos ruídos aos instrumentos musicais)**.** Em 1951, na Alemanha Ocidental, Hebert Eimert fundou o primeiro estúdio de música eletrônica do mundo. Em 1953, na cidade alemã de Colônia, foram apresentadas as primeiras composições deste novo estilo. No ano de 1956, Karlheinz Stockhausen foi o primeiro a juntar vozes humanas com sons eletrônicos. A herança desses criadores é de extrema importância, pois vai dos diversos procedimentos de composição (timbres, texturas, espaço acústico), passando pela utilização dos ruídos e manipulação de materiais em estúdio.

> Stockhausen dá continuidade a experiências, que se iniciaram em 1949 nos equipamentos da rádio alemã NWDR, que ficaram conhecidas como *Eletronishe Musik* (música eletrônica), e que culminam na peça *Gesang der ünglinge* (Canto dos adolescentes) de 1955/56, onde ele mistura a voz de um adolescente recitando passagens bíblicas com sons eletrônicos de estúdio. (LEMOS, CUNHA, 2003, p. 157)

A partir da metade da década de 1950, vários estúdios especializados em ME são abertos pela Europa. Em 1964, o norte-americano Robert Moog, inventor do sintetizador (muito presente na década de 1970), foi o primeiro a usar teclado ao estilo de piano. A princípio, o *moog* foi utilizado para executar obras de Bach (música clássica) e depois incorporado pelas bandas de rock progressivo. O sintetizador passou a ser muito usado não só na ME, mas em vários estilos musicais por todo o mundo. No Brasil, o uso dos sintetizadores começou nos anos 1970 com Jorge Antunes, Lelo Nazário, Conrado Silva e Florivaldo Menezes Filho (compositor conhecido como Flo Menezes). Na mesma década, os músicos usam elementos eletrônicos apenas como detalhe de arranjos – Jimmy Page, guitarrista do Led Zeppelin, utiliza um teremim[26] em concertos. O compositor e instrumentista Walter Carlos produz a trilha sonora do filme Laranja Mecânica, de Stanley Kubrick, basicamente com o *moog* sintetizador. Fielden observa o uso dos sintetizadores por bandas de rock e sua importância para a sonoridade:

> *When synthesizers became more commonplace in the early 1970s with the introduction of the Minimoog and others such as the ARP synths, VCS3s, Oberheims and others, keyboard players from mainstream rock bands used them immediately to add a touch of electronics to their music; this included such players as Jon Lord of Deep Purple, who had already used the crashing sound of the reverb spring in his Hammond L-100 by shaking the organ, and was happy to use the new technology in songs such as A200, from the album Burn (1974).[viii] Other examples would be Ken Hensley of Uriah Heep on songs such as Sweet Lorraine, Tony Carey with the band Rainbow and Howard Leese's synthesizer solo on Heart's Magic Man.*
>
> *One last interesting use of a VCO instrument I'd like to mention is the use by guitarist Jimmy Page of Led Zeppelin of the Theremin, an instrument that varies pitch and loudness with the distance of the player's hands to the antennae of the instrument.[ix] The middle section of Whole Lotta Love from Led Zeppelin II, is a good example of this. Jimmy Page uses this instrument live as well, and also other*

[26] Instrumento eletromagnético, baseado no princípio do radar, cujos sons são obtidos por movimentos da mão aproximando-se ou afastando-se dele. (http://www.kinghost.com.br/dicionario/teremim.html) [setembro de 2007]

> *interesting techniques such as the violin bow on the electric guitar for a sustain effect.* (FIELDEN, 2000)

2.1 Isso é *techno*!

No final dos anos 1970, a cidade de Detroit passava por uma grave crise econômica, o que fez com os preços dos equipamentos de ME ficassem mais acessíveis, pois até então, os aparelhos musicais eram muito caros. Foi nesse ambiente, que três afro-americanos de classe-média e amigos de colégio, Juan Atkins, Derrick May e Kevin Saunderson, conhecidos como *The Belleville Three* (Os três de *Belleville*), puderam ter acesso aos equipamentos e criaram em estúdios amadores, o que seria o *techno*. Os jovens eram colecionadores de fitas mixadas e adoradores do *funk* da década de 1970. O trio buscou inspiração direta no programa de rádio, *Midnight Funk Association*, que passava durante as madrugadas, doses pesadas de sons eletrônicos, como Kraftwerk[27], George Clinton, e Tangerine Dream. O *techno* é famoso pelas batidas aceleradas, que variam de 120 e 150 BPMs [28]. Os DJs do estilo usam muita percussão e o mínimo de melodia (sucessão dos sons combinados).

O período de 1977, marca a "gravação de uma tríade do panteão de referências da ME: os sucessos dançantes *I Feel Love* – da diva da *disco music* Donna Summer em parceria com Giogo Moroder e *Flash Light* do grupo Parliament; e o álbum *Trans–Europe Express* do Kraftwerk"[29]. Nessa mesma época, em Nova York (EUA), inaugura-se a discoteca *Paradise Garage,* com residência do DJ Larry Levan [30], "pioneiro das pistas, que perambulou pelas discotecas do *underground* nova-iorquino, desenvolvendo as técnicas de mixagem e colagem de sons que atingem o ápice" [31] no novo espaço musical – ambiente que Levan fez todo o planejamento acústico "para que o som atingisse a sua maior potência, clareza e impacto" [32]. Interessante dizer que nas discotecas de Nova York, não havia ainda a segmentação que estaria por vir. Assim, a *disco music,* que embalava as noites da cidade, não era um dos gêneros da ME, mas era o que fazia a pista dançar e o que se entendia por ME, e o público era em sua maioria **GLS**.

Mas foi no fim dos anos 1980, que as cidades norte-americanas de Detroit e Chicago ficaram conhecidas como as sedes oficiais dos estilos *techno* e *house,* respectivamente. Nelas, iniciou-se uma movimentação para produzir uma música nova, moderna, que lidasse só com sensações, que fosse universal, abstrata e entendida no Brasil, no Japão, nos EUA, na Europa, da mesma maneira. Para isso, eram utilizados como recurso principal o *groovebox* e as *groove machines*, que eram os equipamentos que se tinha na época para reproduzir sons naturais, mas de uma forma artificial.

---

[27] Criador da música pop eletrônica, o grupo alemão Kraftwerk é o primeiro, no início dos anos 70, a estabelecer as bases da música pop eletrônica - http://www.raves.com.br [setembro de 2007].
[28] O termo BPM significa batidas por minuto, quantidade de pedais (bumbo) e caixas (clap) dentro do tempo de um minuto. Esse termo é usado para definir a velocidade da música, pois as músicas têm BPMs diferentes. O DJ usa o pitch (Botão deslizante onde se pode alterar a velocidade) para igualar as BPMs das músicas e só então pode mixar (misturar). – Fonte: Manual Pragatecno (núcleo de ME de Salvador).
[29] *(LEMOS, CUNHA, 2003, p. 158)*
[30] Levan foi um dos pioneiros das pistas. Foi ele quem planejou o espaço acústico da *Paradise Garage*.
[31] *(LEMOS, CUNHA, 2003, p. 158)*
[32] Idem.

> No ano de 1977, o DJ nova-iorquiano Frank Knuckles – companheiro de Levan nas pistas – foi contratado para trabalhar numa nova discoteca de Chicago, a *Warehouse*. Em pouco tempo, o DJ percebera que seu público era bastante receptivo a suas misturas de *Disco Music* com bateria eletrônica, dando origem ao *house* (estilo nomeado em relação à casa noturna). Menos do que um gênero distinto, a *house* nasce como uma forma de retrabalhar antigas músicas através de técnicas de corte, edição e mixagem que o DJ já praticava em Nova York nos anos anteriores, intensificando as características da *disco music*: a aceleração da batida 4/4 (entre 110 a 138 BPMs) onde sobressai o bumbo[33], cuja marcação torna-se pejorativamente reconhecida como "bate-estaca"; a repetição mecânica, as texturas sintéticas e eletrônicas, o desenraizamento inorgânico do som que resulta do tratamento da música em estúdio – O primeiro disco desse estilo, no entanto, só foi lançado em 1983. Era *On and On* de Jesse Saunders (LEMOS, CUNHA, 2003, p. 159)

Ao final dos anos 1980, os estilos *techno, deep house/garage* e *acid house*[34] chegam à Europa e ditam as regras da cultura da ME, "entendida como uma matriz do estilo de vida, comportamento ritualizado e crenças, que tem sua mais fiel tradução na cultura *rave*" (LEMOS, CUNHA, 2003, p. 160).

> As primeiras raves (dança e música eletrônica em espaços abertos e fora das cidades) acontecem em Manchester, na Inglaterra, em fins de 1987 e início de 88, já decorrentes das festas em clubes de Ibiza, na Espanha, com seu som "*balearic*" (qualquer gênero, porém dançante). Na Inglaterra, as "*all-night dance parties*" eram organizadas principalmente por dois importantes grupos/clubes/coletivos: *Schoom and Genesis P. Orridge´s baby e o Psychic TV* (mas surgiram vários depois, além de muita prisão, perseguição da polícia e da mídia - por conta das drogas - e até mortes advindas de lutas das gangs).
>
> Logo após, o fenômeno se espalha pela Alemanha, principalmente Berlim. Nos EUA (*New York*), as festas raves chegam em 1991/92. Mas toda a cena de Inglaterra no final dos 80 era chamada de *acid house party*, a terminologia "rave" não existia. Rave - delirar, falar com euforia - aparece reforçando a relação da música eletrônica, com o *ecstasy* e ácido, o hedonismo. É uma criação da mídia (inglesa, da época) e aparece casualmente quando as pessoas se referiam a uma festa grande, espetacular (rave!) - termo que na verdade faz referência à *Black Soul Scene* (Cena Soul, de 1961), quando o jornal *Daily Mail* se referia aos jovens farristas nos festivais de jazz ou até mesmo quando a revista alternativa *International Times* usou o termo "*all night rave*" para falar do grupo Pink Floyd num show em 1966, no *London´s Roundhouse*. [35]

As festas *rave* (do verbo em inglês *to rave* = delirar) eram realizadas em locais abertos e afastados do centro urbano. Mas a palavra foi dita pela primeira vez no chamado *Summer Love* (verão do amor), vivido no final dos anos 1980, na Inglaterra. As *raves* aconteciam, primeiramente, em setores industriais, fazendas, sítios, para não chamar tanta atenção da sociedade para o uso de drogas. Na cena londrina, baixou-se uma lei anti-rave, pois eram festas ilegais. Não havia nem mesmo divulgação, era tudo no '*boca-a-boca*'. Mas mesmo assim, a polícia achava.

---

[33] O que diferencia o bumbo da caixa é o timbre de cada um. O bumbo (pedal) é mais grave e a caixa (clap) mais aguda - Fonte: Manual Pragatecno (núcleo de ME de Salvador): 'equipamentos básicos para DJs'.

[34] *House* acelerado com som mais estridente. O nome do estilo vem do consumo de drogas, como o ácido LSD e o ecstasy, não raro encontrados nas festas eletrônicas. O *smile*, conhecido desenho de um rosto amarelo sorrindo, é considerado o símbolo máximo do estilo musical - http://marisacn.blogspot.com/2007/09/msica-eletrnica-no-tudo-igual-no.html [agosto de 2007]

[35] M. CLÁUDIO – Balearic, rave e plur - http://www.pragatecno.com.br [setembro de 2007]

Em 1995, uma espécie de carnaval ao estilo baiano, com trios elétricos, que ao invés de *axé music* tocava-se *techno*, reuniu mais de um milhão de pessoas, que depois iriam para diversos clubs e festas raves. Era a *Love Parade* em Berlim, que desde 1989 era o maior evento de música eletrônica do mundo encabeçado por promoters empolgados com a onda do *acid house*, que se instalara em 1988 na cidade, logo após a queda do muro de Berlim.

No Brasil, o movimento chamado rave só chega em meados dos anos 1990. O país assimila tardiamente a música pop eletrônica internacional dos anos 1980 e 1990. Já na segunda metade dos anos 1990, a ME cresce muito e o rock fica em baixa. Com a virada do milênio, o rock ressurge através de bandas novas como Placebo, The Strokes. "Essas bandas dialogavam de uma maneira diferente com a ME e bebiam de várias fontes dentro do rock, com muita influência dos anos 1960, 1970. São mais 'cabeça aberta'", explica Fil. Daí surgiu uma gama de novos estilos preenchendo o vazio que havia entre a ME mais "purista" e o rock. "Existiam os DJs de *house* e os de rock, por exemplo, mas nesse meio tinha um vazio enorme. Apareceu então uma galera produzindo uma linha que é conhecida como *electroclash*[36], *discopunk*[37], que é uma base de *house*, mas com vocal, com alguma coisa de guitarra, uma caixa (bumbo-caixa) bem marcada. Abriu-se a partir daí um leque gigantesco de estilos". O termo rave, hoje, é considerado antigo e o nome não é mais utilizado, já há alguns anos fora do Brasil. Mas por aqui a palavra e toda sua simbologia ainda é muito forte. As pessoas não conseguem deixar de falar que vão a uma rave (aqui no Ceará), quando na verdade se tratam de festas eletrônicas, com todo o aparato pirofágico e tecnológico, remetendo ao espetáculo, num verdadeiro show.

Nesse mesmo período (metade dos anos 1990), começa-se a ter um maior interesse pela música *techno*, principalmente como efeito de arranjos musicais. "Entre os principais nomes da nova geração de produtores de ME brasileira estão Friendtronics, Xerxes, Mau Mau, M4J, Marky, Tetine, X-Action, Lourenço Loop B, Ramilson Maia, Gismonti André e Fábio Almeida". [38]

2.2 Cena verde-amarela

Trazendo a ME para o Brasil, uma das cidades que mais se destacam nesse novo conceito é, sem dúvida, São Paulo. Apesar de o Rio de Janeiro também apresentar uma forte cena, é 'Sampa' quem herda a cena *clubber*, mais underground, ao estilo londrino. Assim, surgem várias casas com festas inusitadas onde se tocava música de qualquer época e gênero.

A "Um é porco, dois é bom, três animais", é um exemplo da "baderna" que eram os eventos destinados a um som mais dançante. A festa aconteceu na boate *Krawitz* e era uma espécie de zoológico noturno, com gaiolas para pessoas entrarem e dançarem. E elas iam fantasiadas de bichos. O porquinho e algumas galinhas ficaram guardados no depósito da casa, para saírem somente à noite, na hora da festa. Mais tarde percebeu-se que as galinhas estavam sumindo e só restavam penas. "Depois de um tempo a gente descobriu que

---

[36] Criado pelo DJ Larry Lee. O som surgiu nos anos 200,0 em Nova Iorque e tinha o electro dos anos 1980 como base, mas com uma roupagem. – UZImagazine - http://www.uzimagazine.com/artigos_2.php?arquivo=61&id=23 [outubro de 2007]

[37] Também conhecido como *Dance-punk*, *dance-rock* e muitas vezes confundido com *electro-punk* e *punk-funk*, é um subgenero do *Punk Rock* que mistura ritmos da *dance music* com a atitude do *punk rock*. Em 2006, foi criado o movimento *New Rave*, que é a mesma coisa que o *Dance-punk*, só que mais voltado ao *punk rock.*

[38] 'Surgimento das Raves' – http://www.raves.com.br [setembro de 2007]

o porco matou e comeu várias galinhas", conta o promoter e estudante de ciências sociais, Nenê, no livro *Babado Forte*, da jornalista Erika Palomino[39]. "Mesmo assim, as pessoas não se contentaram e largaram o porco no meio da pista (...) Foi uma loucura! Só que as galinhas estavam pintadas com tinta colorida 'Ela estava intoxicada!', conta o *hostess* Johnny Luxo[40]. O porco comeu a galinha e morreu". Tiveram outras festas lendárias, na *Krawitz,* que iniciou em 1992, como 'A Noite das Facas Ginzu'; 'Pra apodrecer é um, dois, três'; 'O advento do Ar em Movimento'; 'A Festa da Piscina (nós vamos invadir sua praia)'; 'Fetiche', em que teve um blecaute por excesso de voltagem; ' A Noite Uó', onde a pessoa mais "uó" – chata, mal vestida – ganhava o troféu Bota Branca; 'A Festa da Galinha'; 'Nossa Senhora do Make-Up é Drag', em que reuniram todas as *drag queens* da cidade; além de outras festas em diversas casas.

Falo em especial da *Krawitz,* porque foi lá que a cidade de São Paulo, uma das cenas mais influentes do Brasil, teve contato com novos estilos eletrônicos que vinham fortalecendo o mundo. "O *techno* dava seus primeiros passos na cidade e serviria para dar feições e uma identidade musical que dominariam todo o restante da década. São Paulo, *techno*, *city*". [41] Depois veio o *Columbia*, em maio de 1994, primeiro com o nome de *Velvet Underground*, com um projeto de *after-hours* (festa depois de outra festa – depois do horário, na tradução). "Foi uma revolução", disse o DJ Mau Mau (A*pud* PALOMINO).[42] Após o Espaço Columbia, surge o *Hell´s Club*, em julho de 1994, com residência de Mau Mau. O clube era um porão escuro e enfumaçado. "Quem fazia a decoração eram as pessoas, que se produziam muito, eram muito modernas", conta Viviane Flacksbaum no Babado Forte. (PALOMINO, 1999, p. 72) Além do Hell´s surgiram a *Ministry of Sound*, *Sound Factrory*, a *B.A.S.E*, *A Lôca* e *Lov.e*, estas duas últimas permanecem até hoje.

> A nação *Hell´s* tem como bandeira a cultura musical do *techno*. "Eu compreendo a nova linguagem", celebram alguns, em arrogantes camisetas-resposta a quem reclama do som e dos procedimentos de cultura club ali instalados. Mas o vocabulário da nova linguagem na verdade tem um nome: *Ecstasy*.
>
> Depois de 25 ou 30 minutos, um formigamento interior, a sensação de ter o peito cheio de ar, sorrisos distribuídos, bem–estar, alegria. Mais um pouquinho e as luzes parecem brilhar diferente; a música quase interage com você; surge mais cheia, mais consistente. Barulhinhos estranhos vêm dos lados, como se eles sempre estivessem ali; de repente passamos a ouvi-los.
>
> Súbito, todos parecem amigos. Todo mundo é legal. Ao ritmo intenso da música, nos sentimos parte de um movimento, nos sentimos parte de alguma coisa, qualquer coisa. Viramos uma família, uma nação. (...) No momento em que alguém dança algum tempo na sua frente, o segundo passo é de fato o abraço, junto com frases do tipo "eu gosto muito de você", "eu te amo", "adoro você", sabia? Dependendo do tipo de *Ecstasy*, mais ou menos abracinho (...) Mesmo sem nenhum tipo de vocal, muitos cantam as músicas, em uníssono, como se elas tivessem letra. Parapapás e tatatás são os versos improváveis das 'novas' canções; os *hits* são imediatamente identificados e a gritaria acompanha as viradas de modo quase orquestrado. (PALOMINO, 1999, p. 81) [43]

Em agosto de 1998, Prodigy vem ao Brasil e se apresenta no Rio. "Polêmicos, até a última cartada de *The fat of the Land* é a nada politicamente correta *Smack My Bitch Up*, que sai no mesmo período da morte da princesa Diana", e ganha um dos mais desconcertantes e verdadeiros videoclipes da história, "onde aparecem

---

[39] PALOMINO, Érika. Babado Forte: moda, música e noite na virada do século 21. São Paulo: Mandarim, 1999 (p. 59).
[40] Johnny Luxo é hostess, DJ e colunista do site EGO durante o São Paulo Fashion Week (SPFW).
[41] PALOMINO, Érika, 1999, p. 59.
[42] Idem
[43] A relação das drogas, em especial o ecstasy e o LSD com a ME será apresentada no decorrer do livro.

consumo de drogras, sexo a rodo (...) e tudo o que rola de verdade num clube" (PALOMINO, 1999, p. 114); Chemical Brothers também celebram o *big beat* da fusão rock ´n roll, hip hop e uma 'parafernália' de apresentação de palco, em maio de 1999, em São Paulo. É um marco na história. Eles foram definidos pelo semanário musical inglês *The New Music Express* como mais não apenas DJs, mas "também uma banda de rock ´n roll capaz de tocar um set de grandes sucessos e tudo mais". (PALOMINO, 1999, p. 114)

Já em 2000, produções de *drum´n bass* aliados à MPB brasileira estouram no mundo, principalmente na Europa. A criatividade de DJs como Marky, Xerxes, Patife, Andy, Drumagick, Fernanda Porto, entre outros, acabaram mostrando um jeito novo e próprio de fazer o *DnB*[44]. Criando o que seria conhecido como *drum´n bossa*, um jeito brasileiro de fazer *DnB*, com toque da bossa nova. Da união de Xerxes e Fernandes Porto surgiu o hit "*Sambassim*", que estorou em FMs do Brasil e em Londres e ficou na boca do povo. A união dos produtores Marky, Dudu Marote, Mad Zôo e, mais uma vez com vocais de Fernanda Porto, fez sucesso com a versão de "Só tinha de ser você" de Tom Jobim. O auge foi atingido na parceria de Marky e Xerxes, que chegaram ao estrelato internacionalmente com "*Liquid Kitchen*", que utiliza trechos de *"Carolina, Carol Bela"*, de Jorge Benjor. O DJ do grupo Marcelinho da Lua trabalhou a MPB com elementos eletrônicos. Conseguiu emplacar nas paradas brasileiras uma versão da música "*Cotidiano*" de Chico Buarque, interpretada por Seu Jorge.

2.3 Batidas alencarinas

Focando no Ceará, a cena local se iniciou em meados dos anos 1980, com os pioneiros Zozó Amaral, Fran Viana e Silvio de Paula. Eles começaram tocando um som que misturava pop e *acid house* (estilo que começava a vigorar na época) – comercial e *underground,* respectivamente, mas sempre puxando para a *dance music* - em casas voltadas ao público GLS, mas que já tinham uma postura musical diferente[45]. Ser DJ naquela época era difícil, pois a tecnologia não era como a que se tem hoje. Para trazer sucessos que estouravam na Europa, por exemplo, só mesmo através da pirataria, em fitas K7.

Depois dessa primeira geração (1985 até início dos anos 1990) existe um hiato de acontecimento em relação a ME. Zozó vai morar em São Paulo e segue carreira por lá e, mais tarde, se muda para Holanda, onde permanece até hoje; Fran fica no gueto GLS e passa até um tempo sem tocar. E Silvio segue na linha *disco*. Mas em 1996 houve uma festa no Pirata, realizada pelo dono, que após passar uma temporada na França voltou tocando *house* e resolveu investir em eventos de ME. Essas festas abriram as portas para o pessoal que, no ano seguinte, inauguraria o Disco Voador. O club foi aberto para ser de ME, tocando *house* e *techno*. Os sócios eram um casal gay de holandeses que vinham para Fortaleza nas férias e queriam um espaço para ouvir ME e não *disco music*, mas não queriam trabalhar para o público GLS. Queriam um público mais heterossexual. Mas não deu certo, porque os gays achavam que o club era heterossexual, e os 'héteros' achavam que era gay. O DJ do núcleo Undergroove, Rodrigo Lobbão, diz que essa questão de que 'hétero' não vai a locais GLS e vice-versa, é algo cultural. "O Nordeste tem muito disso", enfatiza. E para se mexer nisso é muito complicado.

"O Disco Voador, em julho de 1997, foi um marco na cena local. Eles fizeram uma festa open-air (ar livre), no farol na Praia do Futuro e montaram uma estrutura maior, com DJ no palco. Deu muita gente que

---

[44] Abreviação do estilo *Drum and Bass* ou *Drum´n Bass.*
[45] Entrevista realizada com os DJs Fil e Rodrigo Lobbão, do Núcleo Undergroove – 1º coletivo de ME do Ceará.

não era da cena gay. Mas foi uma festa diferenciada, com um conceito eletrônico mesmo: DJ bem centralizado na pista, caixa de som, vinil, mk2, gogo boys e gogo girls. Mas não uma coisa pejorativa, nem gay. Algo mais europeu mesmo, uma decoração toda personalizada. Muita gente ficou chocada com a ambientação que fizeram, porque ate então não haviam produções desse tipo ligadas a musica eletrônica". [46]

Nessa época, não se tinha uma preocupação com o purismo (segmentação dos estilos), porque tudo era muito novo. Tocava-se e ouvia-se de tudo, devido ao desconhecimento dos gêneros musicais e da própria cultura da ME. Para se ter noção, o som que vigorava, era chamado de 'som da diversidade'. Que na verdade, eram misturas, como o *Mangue Beat*[47], onde se englobavam Chico Science, Nação Zumbi e Mundo Livre S.A.; além de rock e algo mais eletrônico (pop), como Chemical Brothers, Prodigy e FatBoy Slim, que na época faziam muito sucesso, pois estavam estourando no mundo. Fil diz que era tudo muito levado na diversão. "Eu, pelo menos, não pensava em levar a carreira de DJ a sério e ver, artisticamente, como isso funcionava; o fato de escolher um estilo ou determinados estilos para se dedicar, ouvir, pesquisar dentro de uma estética. No começo, não tinha muito isso". [48]

Nesse tempo, as pequenas festas que aconteciam eram um acontecimento na cidade; 80% dos freqüentadores eram GLS. Guga de Castro diz que existia muito preconceito com os DJs e com o público, achavam que ME era coisa de gay. "As pessoas não tinham muita informação. Enquanto lá fora já estavam acontecendo grandes festivais, aqui houve um grande *delay* (atraso). Mas também quando chegou, [por volta do ano 2000 com o *techno*] foi um 'boom'". Mas foi com o *Disco Voador*, segundo Guga de Castro, que se iniciou uma massificação. Porque era uma "galera" mais interessada em se ouvir ME mesmo, apesar dos "pára-quedistas",[49] que marcavam presença em todos os ambientes e não só nos eletrônicos. O *Disco Voador* tentou ser um *night club*, segundo Guga de Castro, muito pequeno e mesmo assim não deu certo. "Para ver como as coisas aqui eram complicadas. Antigamente como a gente não tinha nada, a gente inventava a nossa diversão. Hoje eles [a nova geração de DJs e produtores] têm a diversão de mãos dadas. Por isso não se tem uma cena monótona". Para Guga, hoje em dia é tudo reprodução da época da *Pedreira,* "que eram super-produções, só mudando lugar, decoração".

E a divisão para a posterior segmentação dos estilos e definição de uma cena só viria a partir do *Cidadão do Mundo*. Foi lá que os 'meninos do Undergroove' se conheceram e resolveram formar o coletivo com o objetivo de dar um rumo diferente à cena que estava estabelecida na cidade. E conseguiram até certo ponto. Pois o que eles queriam mesmo era estabelecer uma cena clubber na 'Cidade da Luz', parecida com a que São Paulo vive. Mas esse ponto eles não conseguiram, pois o que ainda prevalece são as chamadas *open-air.* Festa em local fechado (club) só mesmo em alguns eventos destinados aos BPMs mais baixos, em boates GLS, como Music Box e também no *Mucuripe,* nas tendas do Ceará Music, posterior *FW Eletronic*, evento destinado à ME.

Por um tempo até tiveram algumas edições de festas do Undergroove ao estilo underground, como a *Las Lenhas*, no *Hey Ho Rock Bar*, na Praia de Iracema, um galpão escuro e com pouca ventilação, mais voltado ao rock, mas que bimestralmente se destinava ao *hardtechno*, uma vertente mais pesada do *techno*. A

---

[46] Idem.
[47] Movimento artístico-cultural iniciado no início da década de 1990, em Recife, a partir da iniciativa das bandas Chico Science, Nação Zumbi e Mundo Livre S.A. Os músicos buscaram formas híbridas entre a cultura de massa e a tradição local e abriram caminho para uma renovação cultural que encontrou ressonância internacional. - http://www.projetomemoria.art.br [setembro de 2007]
[48] Entrevista realizada com DJ Fil, do Núcleo Undergroove.
[49] Pessoas que não fazem parte do 'gueto' eletrônico, mas ficam sabendo dos eventos e comparecem.

Las Lenhas trouxe grandes nomes da cena nacional do estilo e fez história em Fortaleza; a *Blip!*, no *Noise 3D Club,* na Praia de Iracema, também foi outra tentativa de impor uma cena *clubber* na capital cearense, assim como as festas no *Vivaldi After Club* e tantas outras. Algumas deram certo por um tempo, mas não passou disso. Para Fil e Lobbão, existe um preconceito com locais fechados (*clubs*) por parte do público, pois se faz alusão a casas GLS. E não só isso, geralmente, quem freqüenta festas *open-air* (onde apenas 20% do público é gay) não vai a *club*, exceto por alguns eventos em locais fechados.

As pessoas têm como referência o *club* como local gay, onde o que prevalece é um som mais dançante, o *house* 'bate-cabelo'. Mas em outras cenas, como Rio e São Paulo o que prevalece é o *club*. E o público heterossexual não tem esse preconceito que existe na cena de Fortaleza. Antigamente até tinha essa distinção de local para gay e para hétero, mas como só tinham aqueles locais para se divertir até que dava certo por um tempo. "A ME era de um jeito, o DJ tocava de tudo, mas a coisa foi segmentando e aí foi criando aquela coisa de *techno, house, dnb* etc. Só que a coisa ficou tão segmentada que hoje querem mudar de novo"; Fortaleza viveu um pouco dessa história de segmentação, São Paulo também teve um momento muito forte. Mas segundo Lobbão, de cinco anos pra cá, a cena *funcky techno, hardtechno* e *dnb* caíram. Cenas famosas e que ganharam força pela identidade da segmentação caíram. Até o *trance*, que tem uma história paralela (uma cultura a parte) entrou em crise e passou a absorver outros estilos, de certa maneira 'linkados' ao trance; mas os outros estilos caíram, entraram para o gueto e estão minúsculos; "o que a gente vê que tá bombando é essa diversidade: bandas que tocam *rock*, *eletrorock*, *eletrohouse*, DJs que misturam do *minimal, jazzy, house*. Isso é uma tendência forte", diz Rodrigo Lobbão (Undergroove). Segundo o produtor e DJ Chris DB, tudo isso é normal: "há um tempo era o *drum´n bass*, aí veio o *techno*, hoje é o *trance* que já está perdendo força pro *minimal* e o ciclo vai girando". É o que está acontecendo com alguns DJs da cidade. Estão começando ou voltando a misturar as coisas e alguns estão partindo até para outros rumos, como o da produção musical para serem vistos de uma outra forma. E por falar em produção musical, essa é a aposta da vez de grandes DJs da cena local e que vem fazendo sucesso. No capítulo seguinte vamos falar mais a fundo dessa figura tão importante não só na música eletrônica, mas na história da música em geral e de como o DJ pode se destacar através da produção.

> *A música é uma das formas de expressão mais dinâmicas, fala diretamente ao coração, à mente, te traz memórias, te projeta ao futuro, te faz viajar.*
>
> *Fran Viana*

III. No comando das pistas: DJ

Disc-Jóquei ou discotecário. Era ele quem animava os programas de rádio, que até hoje, constituem boa parte da programação radiofônica. Conversava com o ouvinte entre uma música e outra, escolhia e tocava discos e fitas para se ouvir ou dançar. Passou a ser chamado pelo apelido, DJ, quando o termo foi criado nos Estados Unidos, em 1941. "O país ainda não tinha entrado na guerra, a prosperidade imperava, todo mundo tinha um aparelho de rádio, as grandes orquestras com seus *crooners* continuavam a ser o que havia de mais empolgante no mundo da música popular" [50].

Segundo o Dicionário de Comunicação (1978) de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, disc-jóquei é o "radialista que apresenta números musicais gravados em disco ou fita selecionados por ele ou por programadores durante um programa radiofônico". Já o discotecário é definido como a "pessoa encarregada de selecionar e controlar a apresentação de discos, em uma boate ou discoteca". Ser um "animador de pistas" misturou muito a função do profissional de rádio e o discotecário de clube de fim de semana. DJ, apesar de ser abreviação de disc-jóquei, ganhou outra qualificação e uma dimensão bem maior. O DJ é uma evolução do discotecário e do disc-jóquei juntos[51].

> Até os anos 1940, a ocupação de "colocar discos para tocar" não é percebida como especializada. Trata-se de uma função técnica, mecânica, que qualquer um pode desempenhar; e que tem menos valor do que o aluguel de uma coleção de discos para animar uma festa. Além disto, o DJ foi visto com desconfiança tanto pelos músicos profissionais que lutam contra a "substituição" das orquestras pela música gravada; quanto, no caso do DJ de rádio, pela indústria fonográfica. Não tendo percebido o potencial publicitário do rádio, a crença desta última era a de que o sistema broadcasting de transmissão musical, irradiando música gratuita, roubava o público potencialmente consumidor de discos.
>
> É partir dos anos 50 – especialmente com o rock and roll – que o DJ ganhou status dentro da indústria do entretenimento. Acompanhando o desenvolvimento tecnológico das gravações e trabalhando junto a rádios, gravadoras, programas musicais de tv ou de forma independente, o papel do DJ na divulgação e formatação dos principais gêneros musicais é percebido com crescente importância. (Thornton; 1996; Brewster and Broughton; 2000). Configura-se a partir daquele momento o papel do Disc Jóquei como mediador entre o público e as novidades da indústria fonográfica. Pois, se por um lado, ele é um consumidor bem informado, que faz da sua paixão por música uma forma de ganhar dinheiro; do outro, ele é um formador de opinião, provocando através de suas preferências musicais uma cadeia de consumo. (LEMOS, CUNHA, p. 162-163)

---

[50] BBC Brasil.com - http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020717_ivanlessa.shtml [16 e 17 de outubro de 2007].

[51] Áudio, Música e Tecnologia On-line – Quem é você, DJ? - http://www.musitec.com.br/revista_artigo.asp?revistaID=1&edicaoID=108&navID=1394 [16 e 17 de outubro de 2007]

3.1 Discotecários no Brasil

Profissionais que trabalhavam no rádio começaram a animar festas nos clubes tradicionais. "O grande nome que surgiu no Brasil como discotecário foi o de Newton Duarte, o Big Boy. No início da década de 1970, ele tinha programas de rádio na Mundial AM e na [rádio] Globo" [52]. Outro destaque nacional foi Ademir Lemos. Foi a partir deles que o uso do disco (LP), o famoso bolachão, em grandes festas passou a ser comum. "Antes disso, o que mais animavam as festas eram os conjuntos de baile. A chamada discoteca e a discotecagem como profissão surgiram somente na metade da década de 1970". [53] O que se pode concluir que a história do DJ, pelo menos na cena verde-amarela, é muito recente.

O DJ antes de tudo é um pesquisador musical. "O imprescindível pra ser DJ é estar sempre pesquisando músicas novas, experimentando novas sonoridades", conta o DJ cearense Neuromancer[54]. Claro que a técnica conta muito na hora de executar um set, além de outros critérios como performance (desempenho) e carisma com o público. "Mas o papel principal do DJ é estar sempre trazendo coisas novas para o público, quase como um professor. Por isso eu tenho minhas reservas em relação àqueles 'DJs' que sempre tocam as mesmas músicas ou então só as que já são conhecidas por todos" [os chamados *hits*" , diz o DJ.

> A qualidade de um DJ depende também da sua sensibilidade e intuição para sentir a disposição do ambiente para a experimentação e da sutileza (ou radicalidade) com que mescla novidades com faixas conhecidas dos freqüentadores, sem deixar a energia, a animação, o *vibe* desaparecer da pista. Desta forma, ele atua mais próximo do papel do crítico, dando a esta atividade um aspecto experimental e curatorial muito forte – apontando assim para um primeiro aspecto da reconfiguração do seu papel em relação aos DJs inseridos em ocupações dentro das mídias de massa. (LEMOS, CUNHA. p. 164)

Lembrando que um DJ nunca irá tocar somente aquilo que agrada o público, mas o que agrada a si próprio. Como Fran Viana confirma, "ser DJ é muito isso: seu gosto musical". E segundo ele, essa fórmula sempre funcionou na pista.

> No caso da cena eletrônica, todavia, estas escolhas dificilmente passam pelos canais tradicionais da indústria cultural tais como gravadoras, rádios e programas de tv aberta. Atribuindo a si mesmos um papel pedagógico, de educação da audiência e acentuando o aspecto militante desta atividade, um bom DJ jamais toca músicas que não aprecia, apenas para agradar a platéia. Ao contrário, ele será valorizado a partir da riqueza do seu acervo musical e de sua capacidade de construir uma trilha sonora (um set) inusitada e surpreendente, onde se combinam clássicos do gênero escolhido, novidades fornecidas por produtores exclusivos, músicas obscuras ou esquecidas, além de sobreposições musicais originais. (LEMOS, CUNHA. p.163)

3.2 Ser DJ é *mainstream?*

---

[52] Áudio, Música e Tecnologia On-line – Quem é você, DJ? - http://www.musitec.com.br/revista_artigo.asp?revistaID=1&edicaoID=108&navID=1394 [16 e 17 de outubro de 2007]

[53] Idem.

[54] Entrevista realizada em outubro de 2007 com Neuromancer, um dos únicos DJs inseridos na ME que toca freestyle (não se detém a um só estilo). Seu nome era DJ Necrolyte que também tocava *chill out* (música para relaxar).

Já em relação ao culto à personalidade do DJ, Neuromancer diz que é algo criado pelo mercado. “A mídia sempre precisa vender um produto e os DJs acabam se tornando esses produtos que a massa consome vorazmente”. O DJ fala que “antigamente, os adolescentes sonhavam em comprar uma guitarra e virar rockeiro. Hoje em dia, a maioria já sonha com um par de *pickups* e um *mixer*”. O artigo ‘Como se tornar DJ’ publicado no site Terra também fala sobre o assunto: “A abertura para diversos estilos musicais, a popularização da cena eletrônica e da figura do DJ, que hoje chega a ter fãs e seguidores, faz com que a profissão vire objeto de desejo e suscite paixões pelo ato de criar sons, virar o vinil no tempo certo e fazer a pista bombar”[55]. O DJ Camilo Rocha[56] diz que o “DJ tem que ser obcecado por música, comprar material e adquirir cultura musical. Não adianta só saber a técnica, tem que ter *feeling* e experiência”.[57] Já o DJ Patife fala que o DJ deve trocar idéias, ler revistas, sites, ir a festas, lojas, congressos e caminhar em direção ao seu sonho, nem que seja um passo por dia. “Um dia, a coisa cruza teu caminho e, aí, é tua”, diz.[58] “O que interessa a um DJ é aquilo que ainda não chegou às prateleiras das grandes ‘lojas de discos’ (até mesmo as virtuais) – ou chegou há tempo suficiente para ter sido esquecido”. (LEMOS, CUNHA. p. 164)

3.3 Produção é a saída?

A música é uma das formas de expressão mais dinâmicas, “fala diretamente ao coração, à mente; te traz memórias; te projeta ao futuro; te faz viajar; é algo incrível”, define Fran Viana. Hoje em dia, as pessoas têm muito mais acesso à música de produtores do mundo todo, através da internet. “Por um lado é bom, mas por outro banaliza”, diz Fran. “Hoje todo mundo é DJ. Eu lembro que as pessoas íam ávidas [aos clubs] para ouvir os discos que, praticamente, só os DJs tinham. Hoje a pessoa procura, baixa e ouve aquilo toda hora”. Fran define a música eletrônica como um verdadeiro liqüidificador, um mix de idéias: “posso colocar um pouco de rock, umas batidas africanas, vocal da Linda Blair do filme *O Exorcista*”. Por um tempo, ME foi *mainstream*, hoje está voltando às origens: a mistura. É o que se vê em vários hits tocados por produtores cearenses nas festas open-air da cidade. Músicas conhecidas do público, como rock ou outros estilos, remixadas com batidas psicodélicas e que fazem grande sucesso.

Dentro do universo ‘música produzida como arte’, a ME é aquela que o nome já diz tudo: é o novo, o moderno, o vanguardista. “Porque ME e tecnologia são unha e carne”, diz Fil. Então se a tecnologia faz parte de todos os âmbitos da vida, ela tem um papel muito forte no que diz respeito para onde as coisas estão caminhando. “**A ME é um grande laboratório experimental do que pode ser feito em manipulação sonora**”, complementa. E quando se fala em tecnologia e discotecagem, é quase imediata a alusão à produção musical, pois esta nada mais é do que a união da bagagem cultural (musicalmente) do DJ com a possibilidade de gerar algo novo através de meios técnicos (tecnologia).

---

[55] Artigo publicado no site Terra – Como se Tornar DJ - http://www.terra.com.br/jovem/falaserio/2004/12/07/000.htm [novembro de 2007]

[56] DJ desde 1996 e jornalista. Escreve para o site rraurl.com, referência nacional no mundo da ME, para a Folha de São Paulo e para revista Bizz, especializada em música.

[57] Artigo publicado no site Terra – Como se Tornar DJ - http://www.terra.com.br/jovem/falaserio/2004/12/07/000.htm [novembro de 2007]

[58] Idem.

"A ME dá sua contribuição para a evolução da música na forma de produção mais que qualquer outra coisa", diz Guga de Castro. E o DJ faz uma relação do *jazz* com a ME: "O jazz não tem direção. Ele tem um começo, meio, mas não tem um fim. A ME é um pouco assim, tem muita aproximação com o *jazz* porque é uma música que permite milhões de coisas".

> Entretanto, é cada vez mais comum que o DJ seja também um produtor musical. Desta forma, aos efeitos produzidos ao vivo somam-se aqueles pré-produzidos em estúdio – dos quais destacaremos a prática do *sampling* e do *remix*. A prática do *remix* - ou da versão – populariza-se durante a *disco music*. Num primeiro momento, tratava-se de adequar uma música, às vezes um sucesso pop, por exemplo, à pista de dança. Desta forma, o DJ utilizava-se de seus conhecimentos técnicos para produzir uma versão que funcionasse na pista – seja estendendo o seu tamanho, seja ajustando a gravação aos sistemas sonoros das discotecas. Paulatinamente, o *remix* foi ganhando status de atividade criativa e a música original tornou-se pretexto para intervenções cada vez mais livres de DJs/produtores, alterando elementos da versão original tais como ritmo, textura, instrumentação e andamento ao ponto de tornar a música irreconhecível. (LEMOS, CUNHA. p. 165)

A produção está crescendo no Ceará, segundoDJ Fil. Os precursores foram os DJs Dustan Galas e Priscilla Dieb com o *Forma Noise*, que foi o primeiro Live de ME de Fortaleza. Lançaram CD, foram para São Paulo, saíram na mídia nacional alternativa pelo selo do Disco Voador e fizeram parte do Smartbiz. Além deles, Guga de Castro, Arlequim, Toni MZT, dentre outros veteranos na cena local já se arriscaram com produção. Hoje (2008), produções como Groove Machines, Time Control e Sonnamond são **sucesso (Em entrevista, os DJs que compõem os lives falam sobre o assunto)**

O DJ Diego Grecchi[59] fala que, hoje em dia, se o DJ não produzir ele será apenas mais um no meio de vários. "Porque ser DJ é muito fácil. Música você consegue na Internet, tem livre acesso aí pra todo mundo. Então se você não tiver suas próprias produções, nunca irá crescer". Na verdade, é um processo natural de evolução. Depois de um tempo tocando, o DJ não tem mais pra onde ir. E para seguir em frente só mesmo com a produção, diz Aminad.[60]

> Um segundo procedimento baseado na re-utilização de sonoridades existentes é o *sampling*, quando faixas são compostas com a utilização de fragmentos musicais gravados em disco – um refrão, uma célula rítmica, um *riff* de guitarra - de autoria de outros compositores. Esta prática, que já era executada com tecnologias analógicas, ganha força a partir do desenvolvimento de aparelhos digitais, que convertem segmentos de músicas pré-gravadas em informação numérica, flexível, que pode ser rearranjada com facilidade. Explorando diversos efeitos de edição digital, os produtores exploram assim as possibilidades de recombinação de sons numa perspectiva antinaturalista, buscando a criação de timbres e texturas sonoras que desafiam os registros "humanos", num processo de colagem que nos remete às vanguardas modernistas e à noção de ready-made. (Perloff; 1993) [61]

---

[59] DJ e um dos produtores do *Groove Machines Live* – produção cearense de *psytrance*.
[60] DJ e parceiro de produção no *Groove Machines Live.*
[61] Apud LEMOS, CUNHA.p 165

3.3.1 Processo de produção

A história dos instrumentos musicais está ligada diretamente à história da linguagem musical. "Sua evolução tecnológica segue as necessidades que foram impostas pela produção musical de cada época, em um constante refinamento de qualidade sonora e melhora dos mecanismos de controle do som" [62]. Com o surgimento da música eletroacústica "altera-se profundamente o papel dos instrumentos na produção musical, tornando necessária uma redefinição do conceito de instrumento" [63]. DJ Fil fala que as pessoas se esquecem que a manipulação de sons teve início nos anos 1940, com os concretistas (*Stockhausen*). "Foi essa galera da eletroacústica que deu o pontapé do que hoje se entende por ME". Eles levavam máquinas gigantescas para o meio da floresta, por exemplo, e tentavam mexer nesses sons. "Tentavam manipular os sons que não eram produzidos pela natureza e mexiam de trás pra frente até achar alguma coisa". Mas com a tecnologia tudo ficou mais fácil. Praticamente qualquer pessoa com facilidade em manuesar programas de sons pode fazer sucesso. "Benny Benassi[64] é um exemplo disso. Ele conseguiu chegar numa linha de tratamento de baixo e espalhou sua música para o mundo", conta Fil.

Para se fazer produção musical, existem vários softwares. "O que usamos é o Cubase, mas antes usávamos o Fruity Loops [um dos mais conhecidos e mais fáceis de se aprender a mexer] e estamos passando para o Logic [um dos mais complexos e também mais utilizados por produtores]."[65] Os programas são basicamente seqüenciadores, ou seja, você pega uma seqüência e vai montando vários *layers* (camadas) - que são o bumbo, a caixa, o prato - como se fosse uma banda tocando (acústico), só que eletrônico. Em vez de uma pessoa tocar o instrumento, é o 'computador' que toca – isso se chama seqüenciar. "O que é difícil é conseguir atingir uma harmonia. Fazer tanta coisa ao mesmo tempo funcionar. Mas depois que você pega o jeito e começa a atingir um balanço, um equilíbrio, aí dá tudo certo", diz Aminad.

---

[62] II Encontro de Música Eletroacústica – http://www.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/eme97.htm [25 de outubro de 2007]

[63] Idem.

[64] Marco Benassi, mais conhecido como Benny Benassi é um DJ italiano e produtor de grandes hits como *I Feel So Fine* (2001) e *Satisfaction* (2004), este último ficou mundialmente famoso e alcançou número 2 nos singles do Reino Unido.

[65] Entrevista com os produtores do 'Groove Machines Live', composto pelos DJs Aminad e Diego Grecchi - produção cearense de *psytrance.*

3.3.2 Instrumentos para produzir

Para começar, deve-se ter um computador, uma placa de som boa e o programa. "Daí quando se torna mais profissional, você adquire mais equipamentos, como controlador MIDI[66], equipamento externo, de efeito, etc", explica DJ Aminad. Lévy também mostra os instrumentos que compõe um estúdio digital para a posterior produção:

> Entre as principais funções do estúdio digital, comandado por um simples computador pessoal, citemos o seqüenciador para o auxílio à composição, o *sampler* para digitalização do som, os programas de mixagem e arranjo de som digitalizado e o sintetizador, que produz sons a partir de isntruções ou de códigos digitais. Acrescentamos que o padrão MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*) permite que uma seqüência de instruçõs musicais produzida em qualquer estúdio digital seja (tocada) em qualquer sintetizador do planeta. A partir de agora os músicos podem controlar o conjunto da cadeia de produção de música e ventualmente colocar na rede os produtos de sua criatividade sem passar pelos intermediários que haviam sido introduzidos pelos sistemas de notação e de gravação (editores, intérpretes, grandes estúdios, lojas). Em certo sentido, retornamos desta forma à simplicidade e à apropriação pessoal da produção musical que eram próprias da tradição oral. Ainda que a retomada de autonomia pelos músicos seja um lemento importante da nova ecologia da música, é sobretudo na dinâmica de criação e de audição coletivas que os efeitos da digitalização são mais originais. (LÉVY, 1999. p. 141)

A gravação deixou de ser o principal fim ou referência musical . Não é mais do que o traço efêmero (destinado a ser sampleado, deformado, misturado) de um ato particular no seio de um processo coletivo. (LÉVY, 1999. p. 142). Mas isso não tira a importância da gravação como "item memorável aos arquivos da música", como fala Lévy.

Os instrumentos acústicos precisam de um fator externo (estímulo mecânico) para que produzam algum som, como um sopro de ar, a fricção de um arco, o pinçar de uma corda. Já com os instrumentos eletrônicos, esses parâmetros influenciam muito pouco, ou em nada, no tipo de som produzido. "Guitarras eletrônicas podem soar como tambores e tambores podem reproduzir os sons de uma orquestra inteira" [67]. Dessa forma, os instrumentos eletrônicos acabam rompendo com as limitações físicas que caracterizam os instrumentos mecânicos. Com isso, quando se fala em instrumento eletrônico, faz-se referência a uma série de componentes, mais ou menos independentes que são conectados entre si para produzir o som. [68]

> Os instrumentos eletrônicos são formados por dois âmbitos distintos. Um deles é o controlador, ou seja, a interface que irá disparar e controlar o comportamento do som. Outro é o sistema de geração sonora, quer dizer, os componentes que irão produzir o som propriamente dito. Por exemplo, um saxofone funciona com um sistema único, em que o som é produzido pela interação de vários fatores como os gestos dos músicos, a pressão que os lábios exercem sobre a palheta, a velocidade e o caminho que o ar percorre dentro do corpo do instrumento, e assim por diante. O

[66] Ao invés de usar o mouse e 'pintar' a melodia, usa-se o controlador para deixar a música rodando em *loop* e "brincar" até conseguir achar alguma coisa. Depois é só gravar.
[67] IAZZETTA, 1997 - Revendo o Papel do Instrumento na Música Eletroacústica.
[68] Idem.

> instrumento funciona como entidade, corpo e alma inseparáveis na produção do som.
> Já os atuais sintetizadores, *samplers*, computadores e demais "instrumentos" disseminados pela música atual, impõem uma separação entre os mecanismos de produção sonora e meios que controlam esses mecanismos. Um sintetizador emitindo sons como os de um saxofone é uma espécie de instrumento sem corpo. O som é processado por meio de seus circuitos eletrônicos independentemente do dispositivo que dispara esses processos. O sintetizador pode ser acionado e controlado por qualquer processo capaz de gerar um código que faça parte de seu "vocabulário". Esse processo pode ser o movimento de uma tecla, sinais digitais enviados por um computador, ou o movimento dos olhos de um indivíduo, captados por algum dispositivo óptico. O que interessa é que esses processos possam ser codificados e compreendidos pelo sintetizador. E o elemento que executa essa tarefa não é o instrumento em si, mas uma interface. Instrumentos tradicionais têm a interface e o sistema de produção sonora reunidos num mesmo e indissolúvel sistema. Um instrumento eletrônico é um gerador universal de sons, um meta-instrumento (Apud Wishart, 1992: 573) ao qual se acopla uma interface. (IAZZETTA, 1997)

Lévy (1999) diz que a música cuja matéria-prima é digital ilustra a figura singular do universal sem totalidade. E a universalidade desta música prolonga também a globalização musical favorecida pela indústria do disco e das rádios FM. O conceito de uma música universal remete à verdadeira intenção da criação do *techno*: a de ser ouvida e entendida da mesma forma nos "quatro cantos do planeta". Esse é o objetivo da ME para todos os estilos.

3.4 LIVE P.A. [69]

"Trata-se de uma apresentação "ao vivo", no formato mais próximo do show, enfatizando o lado autoral [do DJ/Produtor] em detrimento da discotecagem" (LEMOS, CUNHA, 2003, p. 171). Existem grupos de produtores que se utilizam de guitarras, teclados, flautas, vocal, instrumentos de percussão e, claro, o computador numa apresentação desse tipo, para reforçar a idéia de uma música feita ou reproduzida na hora que remete-se a um show e deixa de lado a mera função de mixar faixas de outros produtores. O Live P.A é uma das formas que os DJs encontraram para mostrar ao mundo (nas festas) a sua música através da produção.

A performance ao vivo pode ser utilizada em todos os estilos da ME, mas ela é mais evidenciada nas festas de *trance* e seus subgêneros, pelo menos no Brasil e mais ainda no Ceará. É comum ver nos *flyers* de eventos *trance* da capital o Live P.A. ao lado dos nomes dos produtores.

3.4.1 Mostrando a cara

Outro caminho para se fazer ver pelo mundo é produzir músicas e tentar lançá-las por algum selo conhecido. Mas o DJ/produtor cearense Aminad foi muito além e conquistou reconhecimento com sua ousadia. Ele mostrou suas faixas para alguns selos, mas não foram aprovadas. "Mas se uma música não é aceita pelo selo, isso não quer dizer que o público não vá gostar". O produtor fala que é um mercado muito fechado, só é aceito

[69] A sigla que significa *public appearance, power amplification ou public adress*, entre outras denominações, é uma constante nos eventos psicodélicos. Assim como o próprio nome já diz, trata-se de uma apresentação ao vivo em que a figura do DJ é substituída pela do produtor.

quem já é conhecido ou se for indicado. "Eu tinha que arrumar um jeito de fazer com que minha música chegasse até o público para que comprassem. Então criei meu próprio selo, o Vai Vem Records", conta. Aminad diz ainda que aquelas mesmas faixas que foram recusadas alcançaram o *top list* (primeiro lugar) em vendas nos sites *Juno* e *Trackitdown*[70], quando as lançou pelo seu selo.

Para lançar um selo não é preciso muito trabalho, segundo Aminad. Com o advento da Internet já existem selos virtuais (ou digitais) que facilitam a criação e a posterior divulgação. Basta "ter certa dose de contatos para fazer com que os DJs famosos toquem aquela música". Porque quando o DJ é de renome ele tem um site onde expõe uma lista mensal com as *tracks* favoritas na opinião dele, que pode estar ali por indicação total ou puro mérito. "Então você tem que conseguir com que suas músicas entre nestas listas. Porque a coisa funciona assim: pode até ser uma música ruim, mas se o Tiesto[71] estiver tocando, então ela passa a ser boa", resume Aminad.

O *Vai Vem Records* é um selo digital de *techno* e *electro* que foi lançado no início de 2007 pelo DJ e produtor Aminad (aka Diogo da Silva). A média de venda de cada release (conjunto de faixas) é cerca de mil a 1,5 mil downloads (venda por download), porque segundo Aminad, "hoje em dia, o vinil já era".

---

[70] Referência mundial de sites de vendas de ME.
[71] DJ renomado internacionalmente na ME.

3.5 CD x Vinil: ainda existe guerra?

A tecnologia prova mais uma vez estar aliada não só na relação da composição e produção da ME, mas em toda sua totalidade. E nesse aspecto remete-se à divergência entre o uso do CD ou do vinil. Será que se um DJ passar a usar CD ele deixa de fazer sua arte, apenas por usufruir da tecnologia?

> Há uma polêmica entre os DJs sobre a utilização (ou não) de CDs ou programas de computador (...) para a discotecagem. Para a grande maioria dos DJs, o vinil ainda é a referência, defendido tanto pelas qualidades estéticas quanto por permitir ao DJ o desenvolvimento de um estilo pessoal de manuseio e mixagem. (LEMOS, CUNHA, 2003, p. 165)

Fran Viana fala que essa questão "é uma bobagem". O importante é fazer as pessoas dançarem. "Quebrei esse mito, quando vi grandes nomes tocando CD e vinil". E é radical ao falar no assunto: "No futuro não vai mais existir isso, vai ser tudo mp3, wav, sei lá...". Já Camilo Rocha diz que um DJ não pode ficar de preciosismo e dizer que só toca vinil. "Agora o que é indiscutível é a qualidade, que é muito superior ao do CD. Mas aí existem prós e contras: vinil é muito caro, vem de fora, demora a chegar e ainda tem a possibilidade de não chegar" [risco de ficar na Alfândega]. O jornalista e DJ compra músicas pela internet. "Além de gastar cinco vezes menos, é mais prático. Na verdade, essa questão do vinil vai ficar uma coisa de início, que na Europa é muito valorizada. Se eu morasse lá, compraria. Particularmente, gosto do vinil, coleciono capas, mas não gosto desse purismo. Toco os dois"[72].

Na verdade essa polêmica de CD x vinil está ficando, praticamente, no passado. Até pouco tempo, DJs que tinham o vinil como único e principal aliado da discotecagem e eram enfáticos na utilização do chamado "bolachão" ou LP já têm uma outra visão, pois o CD é, sem dúvida alguma, mais barato e prático. Mercadologicamente e tecnologicamente falando é muito melhor, mesmo que caia um pouco na qualidade sonora. E mesmo assim, os mais radicais que seguem a cultura "Pró-Vinil" têm a possibilidade de tocar nos dois, caso queiram. Mas uma coisa é certa: o vinil não irá acabar, definitivamente. É como o jornal impresso. Por mais que existam meios tecnológicos superiores e mais baratos, sempre terá quem prefira o mais antigo. Ou como diz Fran Viana: "o que é azul pra um, é vermelho pra outro".

---

[72] Entrevista realizada com o jornalista e DJ em maio de 2006.

3.5.1 Histórico de produção no Ceará

1998 - Priscilla Dieb e Dustan Galas (Forma Noise-*house*);

1999 - Guga de Castro e Fil (trilha de desfile com *samplers* de Patativa do Assaré e Villa Lobos para o *Redbull Music Academy*, evento internacional que reúne expoentes da música contemporânea mundial, como DJs, produtores e profissionais do meio);

2001 - Fil e Arlequim (Vucco - *techno*);

2003 a 2007 - Toni MZT (*Chill Out e techno*);

2003 - Maquinistas - Ney e Thiago (lançaram música pela MTV com o produtor Dudu Marote);

2006 - Hypnotic Device – Adonai e Neck (live de *Psytrance*);

2007 - Leon KB (*Hardtechno*);

2007 – Aminad aka Diogo da Silva (selo Vai Vem Records – *techno* e *electro*);

2007 - Groove Machines – Aminad e Diego Grecchi (live de *Psytrance*);
Time Control
Sonnamond
Dark n sie o q adonai

"Naturalmente, mesmo sabendo que algumas pessoas tomam drogras na noite, não se deve pensar que todo mundo da noite toma drogas"
Erika Palomino

IV. Simbologia das raves

As raves geralmente são conhecidas (pela sociedade e pela mídia) por serem realizadas em locais afastados do centro urbano, pelas longas horas de duração, por um som eletrônico com batidas repetitivas e pelo livre uso de drogas, em especial a sintética, também chamada "droga do amor", o *ecstasy*. Segundo o DJ Fil, as festas são em locais afastados porque faz parte de todo um conceito [criado] de se desligar do cenário urbano, do cotidiano. "Para não chamar a atenção da sociedade quanto ao uso de drogas, por causa do som alto, pela estética da música, que é repetitiva e a maioria das pessoas acha chata". Para Fil, hoje em dia, é mais cômodo fazer uma *open-air* fora da cidade do que na Praça do Ferreira, por exemplo. "Lá, teria polícia, vizinhos reclamando. No isolado, existe mais privacidade". Mas, infelizmente, algumas pessoas confundem essa "privacidade" para fazerem o uso ilícito de drogas e acabar com o conceito que as festas propõem de liberdade com responsabilidade.

Já os festivais, em sua maioria de *trance*, que podem chegar a até sete dias de duração, criam um cotidiano diferente: "não é aquela coisa: você sai se diverte e volta pra casa. Ali, a pessoa fica cinco, sete dias para poder entrar numa outra rotina. É um caos organizado", explica Fil. As pessoas acampam no local do evento, outras ficam em hotéis, mas existe toda uma estrutura para suportar a demanda durante os festivais. Os mais conhecidos são o *Universo Paralello* (Bahia), *Trancendence* (Goiânia), *Tranceformation* (Brasília) e *Tribe* (São Paulo). Alguns eventos de ME se popularizaram e atingiram até mesmo a grande mídia, como o *Skol Beats*, evento mais elitizado que reúne anualmente DJs de várias vertentes por no máximo três dias, em São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil. Mas numa escala mais regional e nacional, durante quatro anos (2001-2005) houve o lendário festival *Serra Elétrica*, que acontecia anualmente, em até três dias de festa em Guaramiranga (Serra de Baturité-CE).

Entre outros, há o *FW Eletronic*, em Fortaleza, que acontece também todos os anos, durante o *Ceará Music* (CM). Este, aliás, é um dos eventos que ajudaram a alavancar a cena de ME tanto no Estado, quanto a nível nacional e internacional. O Ceará entrou na rota dos grandes nomes do cenário mundial de ME, em todos os estilos, com as tendas eletrônicas[73], principalmente com o início do festival (CM) em 2000, e com a posterior criação do *FW* (2004), que é voltado exclusivamente à eletrônica e acontece até os dias atuais.

4.1 Qual é a hype[74]?

As festas raves que aconteciam na década de 1980 ditaram um tipo de comportamento que teve a

[73] As tendas eletrônicas, segundo o DJ Chris DB, fazem parte de um projeto idealizado pela produtora de eventos Val, que é adoradora dos estilos *house* e *techno* e lançou a idéia. A primeira edição contou com um investimento pequeno, onde tocaram os DJs locais Chris DB, Arnold B, Toni MZT, Guga de Castro e os nacionais Rica Amaral, que estava começando a carreira, Mau Mau e Patife. No segundo ano, trouxeram o DJ Marky. Quando ele entrou no palco tiveram que fechar a entrada, pois não cabia mais ninguém. No terceiro ano já existia um cena de *techno* muito forte e por isso o estilo ganhou um tenda exclusiva na época (2003).

[74] Significa moda.

"moda + música" como fio condutor. Nascidas da cena *acid house*, tinham o intuito de contestar o que havia de mais comercial no cenário musical jovem, das rádios às festas. Elas dominaram os EUA, Austrália e Inglaterra até meados dos anos 1990, quando começaram a ser perseguidas por conta do uso indiscriminado de *ecstasy* e outras drogas sintéticas.

A moda era irreverente e, na sua maioria, fluorescente, e para se ter noção da importância da roupa, antigamente, nos clubs londrinos, costumavam barrar quem não estivesse vestido de maneira adequada para as chamadas "*glow-parties"*. Aqui no Brasil talvez não se tenha essa concepção de protesto. Já veio lá de fora assim e se "perpetuou". Mas no Ceará, onde mais se encontra esse jeito irreverente no vestuário são nos pequenos clubs underground pela cidade, diz Lobbão. "Nas open-air, até se tem, mas não é o que predomina. Em cenas mais consolidadas, como em Sampa, por exemplo, é muito mais forte, pois se tem uma cultura clubber. E a luz negra contribui para isso, porque destaca mais e fica bonito".

Em 2003, na *Barraca Biruta*, na Praia do Futuro, existia uma noite fixa, que cultuava esse lance do flúor. As mulheres que estivessem com qualquer acessório "glow" entravam de graça. Pode não parecer nada essa iniciativa. Mas deixa clara a marca das festas raves por todo o mundo: o uso do flúor.

Já em meados de 2005, Londres se preparava para assistir ao nascimento da *new rave*, com uma geração de artistas, estudantes, designers de moda e baladeiros que só queriam mesmo ouvir uma boa música eletrônica e se vestir de maneira colorida e autêntica. A moda *clubber* é a linguagem dos jovens que valorizam a criatividade, ao invés do culto aos altos preços de grifes já estabelecidos. Afinal, os acessórios e roupas fluorescentes estão por aí. Mas como nem tudo são flores, uma parte da cena eletrônica inglesa protesta contra este novo rótulo, alegando que o espírito das raves nunca morreu, e a *new rave* não passa de mais uma jogada de mídia para criar um novo movimento na cena underground. Para o DJ Fil, essa questão da vestimenta já virou marketing, uma fórmula a ser seguida. Assim como foi a moda *punk*. "A forma de atitude, contravenção, virou um produto. Toda essa viagem de energia, transcender... isso tudo está dentro de cada pessoa, mesmo se ela escuta jazz, rock, ou qualquer outro ritmo", resume. Ele ainda diz que foi criado um "grande circo temático" com todo um aparato para que as pessoas ficassem 'livres para se expressar'. "Mas o bacana é quando as pessoas exercem essa 'liberdade' no dia-a-dia e não só naquele ambiente criado para tal". O DJ enfatiza que é tudo mercadológico. "É como se estivesse vendo uma tela de pintura. Dependendo do trabalho, você consegue visualizar o ambiente, o clima, a vida ao redor". Fil diz que as festas são assim também. "Se analisar uma festa, você consegue chegar à idéia que o DJ quer passar com seu som". O DJ ainda enfatiza que tudo isso é uma moda. "Esse lance de tribo, isso tudo é muito pasteurizado. Você tem que vivenciar mesmo a atitude. Tudo isso tem que vir de você e não de um ambiente criado pra tudo isso, nem de uma roupa que te diferencie de todo o resto".

O movimento raver (*open-air*) é ultrapassado, um termo desconceitualizado, segundo Guga de Castro, mas que acabou se estabelecendo em Fortaleza. O DJ Rodrigo Lobbão fala que a grande maioria das pessoas não tem noção do que seja uma festa rave. "Tem gente que fala: 'fui numa rave irada em que o Marky tava tocando uma technera insana', ou 'fui numa rave no Órbita'. Traduzindo: uma rave é realizada em espaços abertos, as chamadas *open-airs*. O DJ Marky é conhecido internacionalmente por suas produções de *Drum ´n Bass* misturadas à bossa nova, portanto, não toca *techno*. E por fim, como o Órbita Bar é um club (local fechado) não pode ocorrer uma rave lá dentro, mesmo que se toque ME. As pessoas ainda acham que ME é ligado somente à rave. Ainda mais em Fortaleza, onde quase não se tem uma cultura *clubber*. Lobbão fala que isso vem

mudando, por conta do Órbita, do Mucuripe. Mas ainda assim o conceito está enraizado. "Se fizer um comparativo com São Paulo, a diferença é absurda. O alicerce da ME deles é a cena *clubber*, são os clubs. Aqui (Fortaleza) ficou relacionado que *clubber* se liga ao público GLS. É mais um tabu para se quebrar", diz. Aliás, o termo club não é cultuado na nossa cena. Chamam de boate. Mas o termo é antigo, dos anos 1980. "Em alguns locais do país, boate é conhecido como 'puteiro'; outros ainda chamam de discoteca, mas o termo correto é *club* (ou clube em português)", explica Lobbão.

Mercadologicamente, é melhor ir a uma festa longe, com uma super-estrutura, [como são as produções atuais, principalmente as de *trance*] do que ir toda semana num mesmo local, com mesmo visual, fala Guga de Castro sobre a relação club x rave na capital cearense. E sobre a vestimenta ser diferenciada ou não o DJ fala que "é o marketing da festa. Tem esse *hype* em torno da história [flúor, ou algo mais *hippie* com os tranceiros[75]], mas isso acompanha a música em geral. No início, tinha-se uma estética, hoje é algo mais livre".

> Dançando busco sentido, não um sentido cognitivo e racional. O movimento é o próprio sentido, seja ele desconexo, desfragmentado, brusco ou leve... ou ainda tudo ao mesmo tempo.
>
> Dançando busco recriar o mundo, reconectar-me aos que dançam comigo e mostrar o prazer dessa brincadeira aos que de fora assistem (espero que por pouco tempo). E dessa forma me desconstruo e me percebo.
>
> E percebo o movimento mesmo enquanto ausência. O eu-movimento torna-se símbolo da energia que sou e me descobrir enquanto ser dançante é revolucionar-me a cada dia. [76]

A ME é a dança dos que não sabem dançar, define Guga de Castro. "Nas raves, você tem uma liberdade de dança maior, porque ela não tem uma coreografia. Obviamente, alguns movimentos são bem repetitivos. Mas é uma música que te deixa mais livre".

4.2 Drogas: uma realidade virtual **VER DADOS!**

Dados da Polícia Federal mostram que a apreensão de ecstasy cresceu 725% no Brasil quando comparada à quantidade de droga apreendida em 2006. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, até o outubro de 2007, foram apreendidos 157 mil comprimidos. O número é bem maior do que o total de apreensões realizadas em todo o ano de 2006, quando a polícia recolheu 19 mil comprimidos. Segundo informações da Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil tem aproximadamente 480 mil usuários de ecstasy. No mundo, o número de usuários é estimado pelo órgão em 9 milhões. "Segundo a polícia, São Paulo lidera o ranking de apreensões de ecstasy. São 87 mil comprimidos recolhido, a maior parte no aeroporto de Guarulhos". [77]

O Ceará não é ainda um grande centro consumidor de ecstasy, mas há uma preocupação de que Fortaleza seja uma das portas de entrada da droga no País, principalmente porque o Aeroporto Pinto Martins

---

[75] Quem curte o estilo trance é chamado de tranceiro e, geralmente, usam roupas que fazem uma alusão *hippie*, com colares de madeira, piercings, *tatoos*, roupas mais folgadas, sandálias nos pés.

[76] Artigo publicado no site Nu-ACT – Núcleo de Arte e Cultura Transcedental - http://www.nu-act.art.br [novembro de 2007]

[77] Matéria publicada no Site Terra - http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI2045791-EI5030,00.html [11 de novembro de 2007]

conta com vôos diários da Europa, inclusive de Amsterdã, considerado um dos principais centros produtores de drogas sintéticas. O consumo local, no entanto, já sinaliza um alerta para a Polícia Federal, que atuam em festas raves, boates e eventos esportivos em Canoa Quebrada e Jericoacoara.

Apesar de se saber da existência da droga no estado, desde 2005 não há registros de apreensão. Em março de 2004, a Polícia Civil prendeu Danilo Rotman, que estava em posse de oito comprimidos de ecstasy e LSD, acondicionado em um frasco e pingados em dois recortes de papel. O problema do ecstasy é que por ser um comprimido, é mais fácil de esconder e livrar-se do flagrante. Mas segundo dados da Delegacia de Narcóticos do Ceará, a droga mais consumida pela classe média ainda é a cocaína. [78]

> Existem várias versões para o surgimento do ecstasy. A mais plausível afirma que a droga foi sintetizada em 1912 por pesquisadores do Exército norte-americano com o objetivo de tirar a fome e o sono de seus soldados. Mas não deu certo. Eles ficavam falastrões e desconcentrados. A fórmula da droga, muito simples, foi parar nas mãos de cientistas caseiros.
> O boom do ecstasy começou no final dos anos 80. Nas grandes cidades da Europa e dos EUA, a juventude underground descobria a atmosfera permissiva das festas techno e house — prato cheio para os traficantes. Graças à imagem de droga moderna, seu consumo aumentou drasticamente. ‘‘O maior problema do ecstasy é sua imagem de droga inofensiva’’, disse ao Correio Giovanni Quaglia, representante do UNODC no Brasil e no Conesul.
> No final dos anos 90, o preço do ecstasy despencou. A qualidade também. Sinais da grande industrialização da droga. Hoje, com 10 euros (R$ 35), espanhóis e italianos podem comprar até dois comprimidos. O ecstasy também deixou o universo techno e, agora, freqüenta qualquer boate, bar ou festinha de descolados. Também adquiriu novas formas. Pode vir em pó, líquido ou em cápsulas. No Brasil, seu consumo ainda é pequeno se comparado com outros países, mas a ONU prevê uma curva ascendente para os próximos anos[79].

4.2.1 Como agem as drogas?

As drogas são substâncias que, uma vez introduzidas no organismo, causam alterações nas funções normais. De certa maneira, elas interferem no equilíbrio orgânico. Aquelas que agem sobre o sistema nervoso, alterando os processos mentais, são chamadas psicotrópicas.

O organismo, inicialmente, tenta eliminar a droga absorvida. No entanto, se o indivíduo insiste em utilizá-la, o corpo “acostuma-se” ao seu uso, numa reação chamada tolerância. Nessa etapa, o corpo vai precisando de quantidades maiores da droga para produzir o mesmo efeito, é o que se chama de adição.

Certas drogas agem sobre as células nervosas e, de alguma maneira, produzem um “curto-circuito”. Enquanto elas estão passando pelos neurônios, eles ficam muito ativos, transmitindo impulsos elétricos em diversas direções. É como se uma lâmpada de 110 volts fosse ligada em uma tomada de 220 volts. A princípio, sua luminosidade fica maior e bem intensa, mas por poucos segundos, pois essa sobrecarga acaba queimando o filamento da lâmpada.

---

[78] Matéria publicada no jornal Diário do Nordeste, na editoria de Polícia, do dia 26 de dezembro de 2005. (anexos)

[79] Correio Brasiliense - Alerta da ONU – Globalização do ecstasy, 2003- http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030705/pri_mun_050703_136.htm [novembro de 2007]

A pessoa drogada tem, a princípio, uma sensação de alteração da realidade. Imagina que percebe as cores e os sons de maneira mais intensa, principalmente com o ecstasy e com o LSD. Contudo, quando acaba o efeito da droga, ela perde aos poucos a noção da realidade. Os neurônios sobrecarregados podem ser destruídos. A pessoa começa a não ter percepção de tempo e de espaço, e fica num estado de confusão. O viciado reage de maneira descontrolada, descuidando da aparência, da higiene e, até mesmo das amizades.

O tempo que se leva para chegar a essa fase varia de acordo com o tipo de droga e a quantidade consumida. O corpo tenta se defender e o órgão mais afetado nesse processo é o fígado, que tenta neutralizar os tóxicos e as drogas, destruindo-os ou absorvendo-os em suas células. Muitas vezes algumas delas (células) acabam morrendo nessa tentativa. [80]

4.2.2 O que é o ecstasy? [81]

O ecstasy é uma droga ilegal usada por alguns jovens. Mas é diferente de outras drogas como a marijuana, a heroína ou a cocaína, porque não é proveniente de uma planta; é fabricada ilegalmente a partir de diferentes produtos químicos. Geralmente é feito de produtos químicos semelhantes a duas outras drogas: **anfetamina** (também conhecida pelo nome de *speed*) - um estimulante que aumenta a energia e ajuda as pessoas a se manterem acordadas; **alucinógenos** - que permite ver ou ouvir coisas que não existem, ou distorcer o que se vê ou ouve. Por exemplo, alguém sob o efeito de um alucinógeno pode ver uma chávena de café a mover-se, ou pensar que o padrão do papel da parede está a mover-se.

Quais são os efeitos?

Os efeitos dependem dos ingredientes da droga e da pessoa que a toma, podendo fazer com que a pessoa se sinta feliz, confiante e afetuosa. Mas, pode também, fazer com que as pessoas se sintam ansiosas, paranóicas (com medo de que os outros lhes possam fazer mal) e deprimidas. Os efeitos a curto prazo podem incluir aumento das batidas cardíacas e da pressão arterial; aumento da temperatura do corpo e da transpiração; desidratação - perda de água do corpo; dentes a ranger ou maxilares cerrados; náusea.

Qual é o perigo do ecstasy?

Embora já tenha havido alguns casos fatais causados por uma reação adversa à droga, não é um fato comum, porque é difícil prever quem está em risco. Algumas mortes foram causadas por: excesso de calor no corpo (a combinação do ecstasy com a dança por longos períodos pode provocar um aumento da temperatura do corpo e causar desidratação). Quem usa a droga deve beber 500ml de água a intervalos de uma hora se estiver dançando ou se movimentando, e 250ml se estiver parado; beber excesso de líquidos - é importante não beber muita água de uma vez só. Algumas mortes ocorrem quando o fluido em excesso afeta o cérebro, causando coma. É importante também não dirigir depois de usar ecstasy e não o misturar com outras drogas nem partilhar agulhas, se a droga for injetada. A pessoa que tem antecedentes familiares de doenças mentais, ansiedade, ataque de pânico, doença cardíaca, hipertensão, diabetes, problemas hepáticos ou epilepsia não devem usar

---

[80] TOMITA, Rúbia Yuri. Atlas visual compacto do corpo humano [ilustrações Moreno, Douglas Peres Fabian]. 1. ed. – São Paulo: Rideel, 1999, p. 103-104.
[81] Fonte: NSW Multicultural Health Communication Service. Ecstasy - understanding the risks, 2000 - http://mhcs.health.nsw.gov.au [novembro de 2007]

ecstasy.

O ecstasy é aditivo?

Geralmente se pensa que o ecstasy não é fisicamente aditivo da mesma maneira que outras drogas, como a heroína e a nicotina, por exemplo, as quais causam sintomas de desabituação quando se interrompe o seu consumo. No entanto, há algumas pessoas que ficam psicologicamente dependentes do ecstasy - o que significa terem dificuldade em deixar a droga porque pensam ter necessidade da droga para se sentirem bem ou se divertirem.

4.3 Raves viram notícia

A relação das festas com a mídia, nos anos 1980, era "muito nicho" [era pequeno muito centralizado e pouco divulgado], segundo Fran Viana. "Não se tinha esse enfoque que se tem hoje. Não tinha essa coisa de ser associado só a droga. Era o começo de tudo". Já no início dos anos 1990, eram em menor escala, "porque tudo vinha com atraso à capital, inclusive a droga", conta Guga de Castro. Mas segundo o DJ, essa relação que se faz das raves com as drogas são estereótipos. "Assim como há no rock com a cocaína; no reggae com a maconha e por fim na rave com o ecstasy".

A grande mídia ainda é equivocada e muito sensacionalista, segundo o DJ Fil. "Falta muito ainda pra mídia pesquisar, apesar de já ter pessoas no meio que entendam melhor esse universo, que sabem o que acontecem e falam a verdade". Para o DJ Rodrigo Lobbão, a "mídia pega uma coisa pra cristo e é aquilo ali (verdade absoluta). Como fizeram com vários outros gêneros musicais que estavam surgindo no cenário".

A desinformação é gritante fala Fil. "Revista nem tanto, porque já existem algumas especializadas que têm um melhor nível de informação a respeito da música. E algumas [como a Bizz] até tratam de ME. Mas na mídia instantânea (TV e jornal) esse nível [de informação] cai", afirma. Mas segundo o DJ, isso não acontece só com a ME. "É com o teatro, a dança, com a arte em geral. Não existe uma discussão para se propor questionamentos. O que existe é se vai vender mais, se vai render audiência". E geralmente o que vende mais, o que causa mais polêmica, para Fil, são as matérias sensacionalistas. "É uma blitz numa rave que prendeu não sei quantos drogados e traficantes; um show de forró que um produtor levou um tiro e morreu; então não é só na ME; outras indústrias também sofrem com isso", enfatiza.

Não se pode negar que existe um consumo abusivo de drogas, principalmente, as sintéticas, como o ecstasy e LSD, admitem Fil e Lobbão. "Mas quando há um fato negativo em relação às festas, a mídia faz parecer como se ali tivessem realmente um monte de malucos, loucos, drogados, onde ninguém presta". E essa visão é deturpada segundo os DJs. Fil ainda diz que nas micaretas "há bastante consumo de drogas, como álcool

e lança-perfume, e é até visível, mas ninguém divulga isso, é tudo abafado". Porque o carnaval já é da nossa cultura, diz ele. "Então há uma visão mais grossa com as micaretas, e com o próprio carnaval. Já uma rave, é visto de outra maneira: delinqüentes juvenis, revoltados contra o sistema..." Mas a culpa é até mesmo de quem faz parte desse universo, segundo o DJ. "Muita gente que vai às festas alimenta essa coisa meio 'contracultura', que é uma grande 'babaquice'", enfatiza.

Aos poucos, a ME tomou evidência na mídia e tiveram que "aprender" a linguagem desse mundo, fala o DJ paulista e jornalista Camilo Rocha. Mas, segundo ele, ainda não se tem tanto espaço como deveria. "Em São Paulo, por exemplo, só o jornal 'Folha' cobre bem o assunto. Os outros meios ignoram, assim como a TV, com exceção dos canais pagos, que têm muita coisa boa e dos cadernos de cultura que são mais direcionados", diz. Mas para Camilo, "a mídia que mais difunde a ME, com certeza, é a Internet".

4.4 Internet: mídia aliada

A internet surge como aliada da ME tanto na divulgação como em termos de evolução no quesito tecnologia. Através da rede já é possível comprar e vender músicas, devido aos selos digitais; mostrar os trabalhos dos DJs, seja em áudio ou vídeo; adquirir softwares que ajudem na produção musical; e, claro, ajuda a divulgar o universo da e-music, por meio de sites especializados no assunto.

O site de maior referência de ME no estado foi o *Cenaceara*, posterior *Upmusic.biz*. A revista eletrônica idealizada pelo produtor e DJ Toni Mazzotti (MZT), em 2003, é considerada um marco na história do gênero musical. Extinto em 2006, o site apresentava matérias relativas ao universo da e-music nos âmbitos local, nacional e internacional, com artigos de DJs, aspirantes a jornalistas e pessoas do meio que se interessavam pelas 'palavras'; releases dos DJs locais e seus respectivos sets; agenda completa de festas e eventos relacionados com flyers e promoções. Além do *Cenaceara*, também tiveram evidência o sites do núcleo *Undergroove*, os das produtoras *Feeling* e, *Technofor*, além de outros que tentaram se aproximar do projeto do 'Cena', como o site de coberturas exclusivas de ME, com colunas de minha autoria, entrevistas e agenda, o *Flashvip.net*, idealizado pelo hoje produtor musical e DJ Adonai, do live cearense de **psytrance Hypnotic Device**; assim como o *ZonaVibe*, que apesar da ótima tentativa (está na ativa desde 2006), também com colunas de ME de minha autoria (já extinta), agenda, promoções, e matérias, não conseguiu se estabelecer como Cenaceara, mas realiza grandes festas no estado. A coluna *UP* do caderno Zoeira (publicada aos sábados), do jornal Diário do Nordeste, em 2006, também foi sucesso, mas por pouco tempo. O projeto era uma extensão do *Upmusic.biz* (antigo Cenaceara) e quem escrevia era a DJ Marcela Brid. *O Portal Verdes Mares* também deu sua contribuição quando surgiu a oportunidade de divulgar o gênero com meu trabalho de colunista sobre a cena de ME da cidade, quando era estagiária do site do Sistema Verdes Mares.

Após a retirada do 'Cena' do ar, a ME se viu deixada um pouco de lado. DJs, produtores e amantes do universo sentiram a falta do site, pois não se tinha mais informações sobre os próximos eventos, as fotos de festas passadas, os novos sets dos DJs, matérias, entrevistas, vídeos, artigos sobre a cena. Para suprir o vazio que havia se instalado, a saída foi através da própria internet, com o Orkut emais recentemente (maio de 2008), com a volta do mIRC, atrasvés da rede Braslink, nos canais #zonavibe, #cenaceara e #teknera, todos voltados à ME.

Mas a rede de relacionamentos Orkut é hoje o maior ponto de encontro dos curiosos, adoradores e profissionais da ME e detém o maior número de comunidades relacionadas à e-music. É no Orkut que se concentram as discussões sobre variados temas de quem participa ou quer ingressar no mundo eletrônico e é nele

que os profissionais 'eletrônicos' divulgam seus trabalhos (release, sets, vídeo, sites pessoais etc). Mas existem sites especializados que tratam da ME de uma maneira mais ampla e não somente no regional. Confira a lista de alguns dos sites de maior referência no mundo da e-music:

Universo eletrônico:
http://www.rraurl.com
http://www.technopride.net
http://www.raves.com.br
http://www.emusicbrasil.com
http://www.nu-act.art.br
http://psyte.uol.com.br
http://www.baladaplanet.com.br
http://www.zonavibe.net
http://www.universoparalello.art.br
http://www.entrance.art.br
http://www.trancendence.com.br
http://www.solarflares.com.br

Profissionais:
http://www.juno.co.uk
http://www.psyshop.com
http://www.trackitdown.net
http://www.tunetribe.com
http://www.bangingtunes.com
http://www.chemical-records.co.uk
http://www5.decks.de

4.5 Cenário atual e futuro da cena

A cena cearense, atualmente, vive um processo de saturação de todo o purismo (segmentação de estilos) fielmente defendido por anos a fio. A solução para esse "problema" voltou ao quadro dos primórdios: a mistura. "Isso é uma tendência forte. É tudo muito em cima desse conceito da diversidade que a gente viveu. É um conceito estético de som mais livre, que abre até mais possibilidades pra quem toca", comenta Lobbão.[82] É o que o Laurent Garnier disse uma vez: você gosta de comer frango todo dia?

A cena, principalmente *techno,* estagnou e o *trance*, que estava um pouco escondido, ganhou força e se estabeleceu de uma forma tão forte que é difícil saber até quando irá durar, ou no caso, enjoar. Porque a cena de Fortaleza é seguida por modismos, segundo o DJ Fil. As pessoas que vão às festas não são fiéis a um gosto musical. Elas vão para o que está acontecendo no momento. E o que está na moda são as grandes festas *trance.* Anos atrás essa cena atual era quase impensável, pois o *techno* era o que movimentava a ME na cidade. O *trance*

[82] Entrevista realizada com DJ Rodrigo Lobbão, do Núcleo Undergroove.

sobrevivia com pequenos eventos organizados por quem gostava do gênero. *Drum´n bass* só mesmo em algumas festinhas específicas do estilo; assim como a *house*, que teve uma maior evidência em meados de 2006, com o projeto *N.O.V.A House* (formado por DJs de *house* da cidade que tentaram colocar o estilo na ativa em algumas festas), mas continua estagnada.

O futuro da nossa cena para Fil e Lobbão serão as chamadas festas de *playboy*, que segundo os DJs, "são bem elitistas e preconceituosas", mas são mais abertas para outros estilos e realizadas em clubs, com um som mais híbrido. Já Guga de Castro afirma que o futuro da ME na cidade voltará a ser a mistura. Na verdade ninguém sabe o que irá acontecer. Enquanto isso, o público curte a *vibe* do que estiver ao alcance, seja em club, open-air ou em festivais de até sete dias, como o *Universo Paralello* (que acontece no fim do ano, na Bahia) e tantos outros espalhados pelo Brasil. O importante é a música e o que ela representa para cada um. A liberdade com responsabilidade. O ser por si e não pelos outros.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T.W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 1978. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br [setembro de 2007]

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas e Documentação de História**. Contemporânea do Brasil, 1989.

ARAÚJO JR, Jackson. **DJ, dono da juventude: sagrado e profano na festa do olimpo moderno**. – Fortaleza, 2007. Disponível em http://www.overmundo.com.br/banco/dj-dono-da-juventude-sagrado-e-profano-na-festa-do-olimpo-moderno [outubro de 2007]

ASSEF, Claudia. **Todo DJ Já Sambou: a história do disc-jóquei no Brasil**. São Paulo: Conrad, 2003.

BARRAUD, Henry. **Para compreender as musicas de hoje**. São Paulo: Perspectiva, 1975

BREWSTER, B.; BROUGHTON, F. **Last Night a DJ Saved My Life: the history of disc jockey.** New York: Grove Press, 1999.

CANDÉ, Roland de. **O convite à música**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

CARVALHO, Mário Vieira de. **Estes sons, estas linguagens**. Lisboa: Estampa, 1978.

EMIERT, Herbert et. al. 1985. **¿Qué es la Música Eletrónica?**. Versão para o espanhol da revista "Die Reiche" editada por Herbert Emiert. Buenos Aires: Nueva Visión.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria, ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. 204 p.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**, São Paulo: Atlas 2003.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. – Porto Alegre: Sulina, 2003. 203 p.:il

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** / Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. - São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

MANNING, Peter. 1985. **Eletronic and Computer Music**. New York: Oxford University Press.

MENEZES, Florivaldo. 1995. **A Espacialidade na Música Eletroacústica**. ARTunesp 11: 53-61

PALOMINO, Érika. **Babado Forte: moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarim, 1999

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música. Questões de uma antropologia sonora.** Rev. Antropol. , São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Ago 2007. [setembro de 2007]

SÁ, Simone Pereira de. **Música eletrônica e tecnologia: reconfigurando a discotecagem**. In: LEMOS e CUNHA (orgs) – Olhares sobre a Cibercultuta. Pp. 153-173. Porto Alegre. Ed. Sulinas, 2003

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de Vida: Teoria e Prática**; tradução de João Quintela. Celta Editora / Oeiras, 1999. p. 181

SCHAEFFER/HENRY, Ussachevsky/Luening and Le Caine. **Pioneers of Electronic Music – Early Works** - http://www.jerryfielden.com/essays/PIONEERS.HTM [setembro de 2007]

SODRÉ, Muniz. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística/Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari. – São Paulo: Summus, 1986. (Novas buscas em comunicação: v.14)

TOFFLER, Alvin. A Terceira Onda. Trad. João Távora. 20: Record, SP, 1995

TOMITA, Rúbia Yuri. Atlas visual compacto do corpo humano [ilustrações Moreno, Douglas Peres Fabian]. 1. ed. – São Paulo: Rideel, 1999.

ARTIGOS CIENTÍFICOS ON-LINE E/OU SITES DE REFERÊNCIAS

Áudio, Música e Tecnologia On-line – **Quem é você DJ?** - http://www.musitec.com.br/revista_artigo.asp?revistaID=1&edicaoID=108&navID=1394 [16 e 17 de outubro de 2007]

BBC Brasil.com **- Um ídolo das multidões – Disc-Jóquei** http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020717_ivanlessa.shtml [16 e 17 de outubro de 2007].

Como se tornar DJ - http://www.terra.com.br/jovem/falaserio/2004/12/07/000.htm [outubro e novembro de 2007]

Conceitos de *house, acid house* e *deep house* - http://marisacn.blogspot.com/2007/09/msica-eletronica-no-tudo-igual-no.html [agosto de 2007]

GRUPO DE ARTE SÔNICAS (GAS)
http://www.artnet.com.br/pmotta/museletr.htm#1 [setembro de 2007]

IAZZETTA, Fernando. **Revendo o Papel do Instrumento na Música Eletroacústica - II Encontro de Música Eletroacústica** (10 a 15 de maio de 1997). Disponível em http://www.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/eme97.htm [25 de outubro de 2007]

King Host Dicionário - http://www.kinghost.com.br/dicionario/teremim.html [setembro de 2007]

Literatura Brasileira – Jovem Guarda
http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/2004/10/15/000.htm [10 de outubro de 2007]

Luz estroboscópica
http://www1.fatecsp.br/eletro/material/mecprec/estrobo.pdf [10 de outubro de 2007]

Manual para Citações
http://www.unicamp.br/fef/adm/bibli/modelos_tcc/como%20fazer%20cita%E7%E3o%20bibliogr%E1fica.pdf [setembro de 2007]

MANUAL PRAGATECNO (núcleo de ME de Salvador): 'equipamentos básicos para DJs'.
http://www.pragatecno.com.br/manual3.html [setembro de 2007]

Nu-ACT – Núcleo de Arte e Cultura Transcendental - http://www.nu-act.art.br [11 de novembro de 2007]

Projeto Memória - Mangue Beat
http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/verbetes/beat.htm [setembro de 2007]

Raves.com.br – Surgimento das raves - http://www.raves.com.br [setembro de 2007]

RRaurl.com – http://www.rraurl.com [setembro e outubro de 2007]

The art of noise
http://www.unknown.nu/futurism/noises.html [setembro de 2007]

The influence of Electronic Music in Rock Music, 1967-76; Keith Emerson, Jimi Hendrix, Pink Floyd and others - http://www.jerryfielden.com/essays/electromusic.htm [setembro de 2007]

UZImagazine - http://www.uzimagazine.com/artigos_2.php?arquivo=61&id=23 [outubro de 2007]

Dicas eletrônicas

Para quem quer ficar por dentro da técnica utilizada pelos DJs e aprender a arte da mixagem, o Curso de Formação para DJs (Módulo 1) e Aperfeiçoamento (Módulo 2), ministrado pelos DJs Sido e Fil, no Decks.nEFX Studio, capacita os interessados a ter condições de se apresentar em público e vir a ser um grande DJ. As aulas são 100% práticas, com direito a certificado e apostila com toda a teoria, glossário e textos.

As turmas contam com no máximo três alunos, para ter um melhor rendimento; o curso funciona todos os dias da semana, nos turnos tarde e noite, inclusive aos sábados, e as aulas têm duas horas de duração, divididas em duas ou três vezes por semana. Mais informações: jugadelha@hotmail.com (Undergroove)[83].

Glossário

Para entender o que acontece no universo da ME deve-se saber, além do histórico, da diferenciação dos estilos, e de outras tantas questões, o significado de alguns termos, que muitas pessoas nem imaginam o que seja.

After-Party: uma festa após uma grande festa, geralmente na casa de amigos, com piscina e um som.

BPM: batidas por minuto. É o que determina a velocidade da música. Quanto maior o BPM, mais pesada é a música.

Chart: relação de músicas que compõem o set do DJ.

Chill out: local para relaxar dentro de uma rave, com almofadas e sofás – um ambiente à parte. Também pode ser uma música calma.

Club: local fechado, estilo boate.

Clubber: freqüentador de clubs ou estilo de se vestir.

Doce ou CD: codinomes para ácido, LSD. Dependendo do desenho da cartela, pode ser chamado pelo próprio nome, como *bike* (bicicleta), monet, microponto, etc.

Ê, bala ou paçoca: codinomes para ecstasy, dependendo do desenho podem chamar pelo próprio nome, como Love, Rolls Royce, Mitsubish, Smile, Cereja, etc.

Flyers: Panfletos com as informações do evento e com um design moderno que mostram através da imagem todo o conceito da festa que será realizada.

Groove: balanço da música, levada, o ritmo que contagia.

Hype: moda.

Line-up: relação de DJs que se apresentam em uma festa.

Live P.A: música eletrônica ao vivo, com ajuda de *samplers*, instrumentos de percussão, computadores.

LJ (Light Jockey): quem comanda a iluminação da festa e apresenta vídeos em sintonia com o DJ.

---

[83] Fonte: UGroove#10 – Zine do Undergroove.

Loop: música fica em rotação (girando).

Lounge: bares onde os DJs tocam ao vivo, um ambiente mais intimista e uma música mais leve.

MIDI: (*Musical Instrument Digital Interface*), controlador, parecido com um teclado, para fazer a melodia da música – utilizado na produção musical.

Mixer: Mesa de som adaptada para os DJs. Sua função é misturar os sons, com ajuda de efeitos. Geralmente usado em conjunto com pick-ups ou CDJ.

Pickup ou CDJ: instrumentos onde os DJs fazem seus sets.

Private: festa privada apenas para amigos ou convidados.

Rave: grande festa realizada ao ar-livre (open air).

Raver: freqüentador de raves.

Sampler: instrumento que copia e cola sons – utilizado para fazer produção musical.

Set: seqüência de músicas que o DJ toca.

Track: faixas de músicas.

Vibe: vibração, o clima da festa.

Vinil: disco, LP, ou o antigo bolachão.

Fachada do clube Periferia (1986) – Foto: Neto Pessoa

Freqüentadores do Periferia reunidos antes do clube abrir - Foto: Arquivo Pessoal

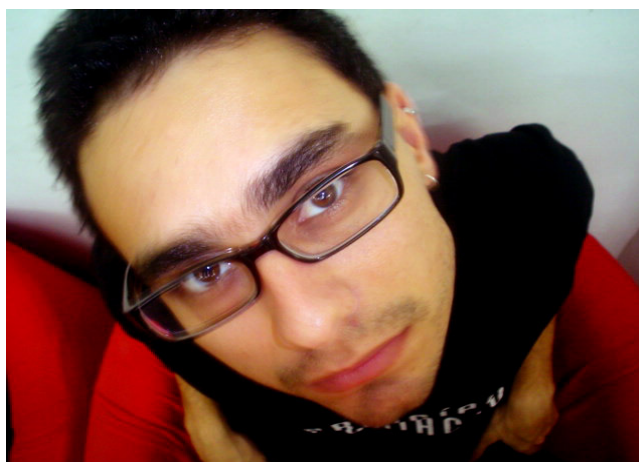
Neto Pessoa posa com alguns LPs dos anos
1980 – Foto: Arquivo Pessoal

Neto Pessoa, freqüentador de festas e hoje DJ (dir.) com amigos (2007) – Foto: Arquivo Pessoal

DJs Arlequim (Bruno), Sickboy (Hudson) e Rodrigo Lobbão (Undergroove) - Fonte: Arquivo Pessoal

DJ Fil (Undergroove) no projeto *Heineken Sunset* (novembro de 2007) – Foto: Arquivo Pessoal

DJs Guga de Castro e Marquinhos (Farra Alheia) – Foto: Arquivo Diário do Nordeste

DJ Guga de Castro – Foto: Arquivo DN

DJ, produtor e idealizador do site Cenaceara, Toni MZT
Foto: Arquivo Pessoal

DJ Chris DB apresenta seu set no FW Eletronic 2007 – Foto: Arquivo Pessoal Chris DB

Sistema de vídeo (Light Jockey) do FW Eletronic 2007 – Foto: Arquivo Pessoal Chris DB

Montagem do festival FW Eletronic 2007/Ceara Music – Foto: Arquivo Pessoal Chris DB

FW Eletronic 2007 – Foto: Arquivo Pessoal Chris DB

Palco principal do FW Eletronic 2007 (Ceará Music) - Foto: Arquivo Diário do Nordeste

Festival Zonavibe (2006) - Foto: João Luis (Nu-Act)

DJs e produtores do live cearense Groove Machines, Diego Grecchi (esq.) e Aminad (dir.). – Fonte: Arquivo Pessoal

Home Studio do live cearense Groove Machines – Foto: Arquivo Pessoal

DJ e produtor Aminad do live cearense Groove Machines e dono do selo cearense Vai Vem Records – Fonte: Arquivo Pessoal

DJ e produtor Diego Grecchi do live cearense Groove Machines no FW Eletronic 2007 – Fonte: Arquivo Pessoal

Flyers das festas do extinto Noise 3D Club, na Praia de Iracema – Foto: Neto Pessoa

Flyers de algumas raves e privates históricas do Ceará – Foto: Viviane Prado